

FLOR DE MAIO

memória e manifestações culturais negras em São Carlos - SP



Jéssica Ariane Campaneri Sposito

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

JÉSSICA ARIANE CAMPANERI SPOSITO

FLOR DE MAIO

memória e manifestações culturais negras em São Carlos - SP

Trabalho de Graduação Integrado

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)
Prof^a Dr^a Aline Coelho Sanches

Coordenador do Grupo Temático (GT)
Prof. Dr. Givaldo Luiz Medeiros

São Carlos
2022

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S764f Sposito, Jéssica Ariane Campaneri
Flor de Maio: memória e manifestações culturais
negras em São Carlos - SP / Jéssica Ariane Campaneri
Sposito. -- São Carlos, 2022.
133 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Patrimônio Cultural. 2. Memória. 3. Centro
Cultural. 4. Grêmio Recreativo Familiar Flor de
Maio. 5. Patrimônio Cultural Afro-brasileiro. I.
Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



Atribuição Não Comercial - Compartilhe Igual - CC BY-NC-SA

Flor de Maio: memória e manifestações culturais negras em São Carlos - SP

Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao Instituto de
Arquitetura e Urbanismo da USP – Campus de São Carlos.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Aline Coelho Sanches
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAUUSP

Prof. Dr. Givaldo Luiz Medeiros
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAUUSP

Bruno Valdetaro Salvador

Dedico este trabalho aos meu pais, que desde o início acreditaram em mim e nos meus sonhos. Estando ao meu lado em cada vitória e em cada tropeço, me dando forças para dar mais este passo.



TRAJETÓRIA

Este trabalho é fruto de uma trajetória. Uma trajetória onde me permiti acertar, errar, desenhar, apagar e redesenhar. Ou como é mais comum na arquitetura, errar e desenhar de novo por cima, com camadas e mais camadas de papel manteiga. E assim como em um processo de projeto, onde a sobreposição de camadas resulta no produto final, sinto que este trabalho é um fruto de toda a minha trajetória dentro da universidade, a qual não percorri sozinha.

Com meus pais, partilhei o sonho de vir para São Carlos. A eles sou grata por todo apoio e aprendizado, principalmente por me ensinarem a ser humana e a amar, algo que me acompanha em todos os meus propósitos e escolhas de vida, inclusive neste trabalho. O sentimento se estende a minha família e amigos, em especial a Giovana e a Isabela, que me acompanharam mais de perto neste processo.

E como em toda jornada, buscamos quem nos acompanhe nos altos e baixos. Portanto não poderia deixar de citar minha família são carlense. Primeiro agradeço a Rachel, Chiara, Isabella, Karina, Giuliana, Pedro e Marília, que foram pessoas que me acompanharam nas noites viradas nos ateliês, nos almoços no bandeirão e nesse grande momento de mudança e descobertas da vida. À Campanha USP do Agasalho agradeço por expandir meus horizontes, seja nas amizades ou nas vivências de mundo. Agradeço também ao Fred por toda a relação de apoio e companheirismo que construímos até aqui.

Já no âmbito acadêmico, tive o privilégio de compartilhar conhecimentos com pessoas que foram decisivas para guiar minha trajetória até este momento. Agradeço primeiramente à Prof^a. Dr^a. Maria Angela P. C. S. Bortolucci por ter sido muito mais que uma orientadora, mas também uma inspiração para mim. Sua inteligência e gentileza me inspiraram a buscar sempre o melhor de mim na mesma medida em que me apaixonava pelo estudo do Patrimônio Cultural. Junto dela, agradeço ao grupo de pesquisa Patrimônio, cidades e territórios, onde me senti acolhida e adquiri conhecimentos inestimáveis.

Agradeço também ao grupo do projeto Memórias Negras e ao grupo de pesquisa Cartografias Pretas. Participando destes trabalhos, pude conhecer de perto as pessoas que construíram, de fato, a história que busco contar aqui, assim me permitindo dar profundidade e vivência a este projeto. Agradeço especialmente à Joana D'Arc de Oliveira, que além de orientadora, se tornou uma grande amiga.

No decorrer deste trabalho, outras pessoas também se fizeram inestimáveis. Ao Benê Silva, agradeço por todo o apoio e atenção na busca por materiais. Seu amor pelo Flor de Maio é perceptível e nos inspira ainda mais a contar sua história. Ao Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira Odette dos Santos, especialmente ao Isaque Josias Sampaio, agradeço por abrirem suas portas para mim, pelas conversas e pelas discussões, sou eternamente grata por essa experiência.

Aos meus orientadores Aline Coelho Sanches, Miguel Antonio Buzzar e Givaldo Luiz Medeiros, agradeço por todo conhecimento que construímos, mas principalmente, pelo auxílio no contorno de tantos obstáculos, seja a Covid-19, sejam os desenhos e redesenhos desta proposta.

Por último, agradeço à Universidade de São Paulo pela oportunidade de cursar um ensino público de qualidade e pelos tantos aprendizados que adquiri ao longo dos anos em que fez parte da minha trajetória.

RESUMO

A proposta busca iluminar e recuperar a memória negra obscurecida no município de São Carlos através do âmbito do Patrimônio Cultural, em contrapartida ao ponto de vista hegemônico vigente no momento atual. Esse processo inclui o levantamento da contribuição negra na construção da cidade e o reconhecimento de seus espaços de vivência e manifestação cultural. Tais aspectos resultam em um projeto que busca enaltecer um espaço de resistencia localizado no centro da cidade, o Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio, primeiro clube negro fundado no município e um dos primeiros do interior paulista, em funcionamento até os dias de hoje. É projetado um Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira atrelado ao clube, que busca o redesenho desse espaço de forma a visibilizar memórias presentes no meio urbano, o Centro Cultural Flor de Maio.

Palavras-chave: Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio. Patrimônio Cultural. Manifestações Culturais Negras. Centro Cultural. Memória.

[...] Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

Conceição Evaristo, 2008

Introdução.....	14
Reflexões e Leitura Histórica do Espaço.....	16
O Ciclo do café e sua influência na formação de cidades do interior paulista.....	19
Formação da cidade de São Carlos e o processo de crescimento urbano.....	20
Influência dos negros no processo de formação da cidade.....	24
Patrimônio Cultural São Carlense: uma reflexão a respeito do que é preservado.....	33
Espaços de manifestação cultural negra em São Carlos.....	38
O lugar.....	40
Breve histórico.....	42
Inserção Urbana.....	46
Cheios e Vazios.....	48
Gabarito.....	48
Usos do solo.....	50
Áreas livres, equipamentos culturais e educacionais.....	50
A quadra.....	52
O edifício.....	54
Ações Projetuais Decisões Gerais.....	58
Diretrizes Gerais de Intervenção.....	62
Programa.....	63
Ações Projetuais Escala da quadra.....	66
Diretrizes de Intervenção Escala da Quadra.....	68
Partido Projetual Escala da Quadra.....	72
Implantação.....	74
Ações Projetuais Escala do edifício.....	76
Diretrizes de Intervenção Escala do Edifício.....	78
Diretrizes de Intervenção no Patrimônio Cultural.....	79
Partido Projetual Escala do Edifício.....	81
Proposta Projetual – Grêmio Flor de Maio.....	82
Proposta Projetual – Plantas.....	84
Proposta Projetual – Elevações.....	97
Proposta Projetual – Cortes.....	99
Proposta Projetual – Painéis de Maxwell Alexandre.....	108
Proposta Projetual – Perspectivas.....	110
Proposta Projetual – Maquete física.....	130
Referências.....	132

INTRODUÇÃO

Segundo George Orwell, a história é escrita pelos vencedores. Essa afirmação não se trata apenas da historiografia, mas também reflete na história que é contada pelos lugares. À medida que as cidades crescem e começam a sobrepor camadas temporais, constrói-se uma narrativa baseada nos acontecimentos e conflitos que marcam aquele local. Dessa forma, visibilidade e invisibilidade tornam-se recursos dessa narrativa, evidenciando uma parcela social na mesma medida em que exclui outras. Portanto, a proposta deste trabalho é iluminar aos olhos o que vem sendo obscurecido, assim propondo uma contranarrativa que se opõe à história hegemônica que vem sendo contada.

Em sua grande maioria, as cidades brasileiras narram uma história marcada pela segregação dos grupos sociais e na cidade de São Carlos-SP essa realidade se repete. Formada durante o período do Ciclo do Café e possuindo uma grande maioria da população branca, que totaliza em 72,34% (censo IBGE, 2010), a história da cidade é atribuída aos senhores do café e aos imigrantes, os últimos contribuindo grandemente com o processo de branqueamento da população. Portanto, a contribuição das outras parcelas sociais na construção da cidade foram esquecidas através da segregação e do apagamento da memória de tais grupos.

Em consequência disso, existe um vazio no que diz respeito ao reconhecimento do Patrimônio Cultural dessas minorias, pois o patrimônio físico quando não inexistente, foi muitas vezes destruído ou extraviado. Entretanto, notamos que tais grupos vêm resistindo ao esfacelamento histórico e perpetuando suas tradições através daquilo que chamamos de Patrimônio Imaterial - costumes, conhecimentos, formas de expressão

e celebrações que os singularizam (ARANTES, 2004). Entre esses grupos estão os negros - ex escravos e seus descendentes- os quais são o foco deste estudo.

A proposta busca iluminar e recuperar a memória negra obscurecida no município de São Carlos através do âmbito do Patrimônio Cultural, conferindo a ele um novo ponto de vista. Essa interpretação dos fatos por um novo espectro é necessária para que haja a quebra da hegemonia da visão atual existente, que enaltece um único grupo social, os vencedores, como dito anteriormente por Orwell. Esse processo inclui o levantamento da contribuição negra na construção da cidade e o reconhecimento de seus espaços de vivência e manifestação cultural. Tais aspectos resultam em um projeto que busca enaltecer um espaço de resistência localizado no centro da cidade, o Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio, primeiro clube negro fundado no município e um dos primeiros do interior paulista. Será desenvolvido o projeto de um Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira atrelado ao clube, que busca o redesenho desse espaço de forma a saltar essa memória antes invisibilizada no meio urbano e no imaginário preponderante na história da cidade, o Centro Cultural Flor de Maio.

REFLEXÕES E LEITURA HISTÓRICA DO ESPAÇO

O CICLO DO CAFÉ E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DAS CIDADES DO INTERIOR PAULISTA

Anteriormente e no início do período que se denomina como Ciclo de Café, a ocupação populacional do estado de São Paulo era espaçada e as propriedades rurais contavam com estruturas que as tornavam independentes. Possuíam estruturas de subsistência além de suas estruturas produtivas. Esse processo de ocupação se impulsiona a partir do século XIX com a expansão do café. Segundo Toledo (2011), na década de 1850 surgiu um total de municípios que correspondia aos criados nos últimos 50 anos.

De 1870 a 1929, período que abarca desde a consolidação e impulsionamento do complexo cafeeiro até sua crise definitiva, essa taxa de crescimento se intensifica. Devido à construção das ferrovias, o estado passa de 81 para 245 municípios:

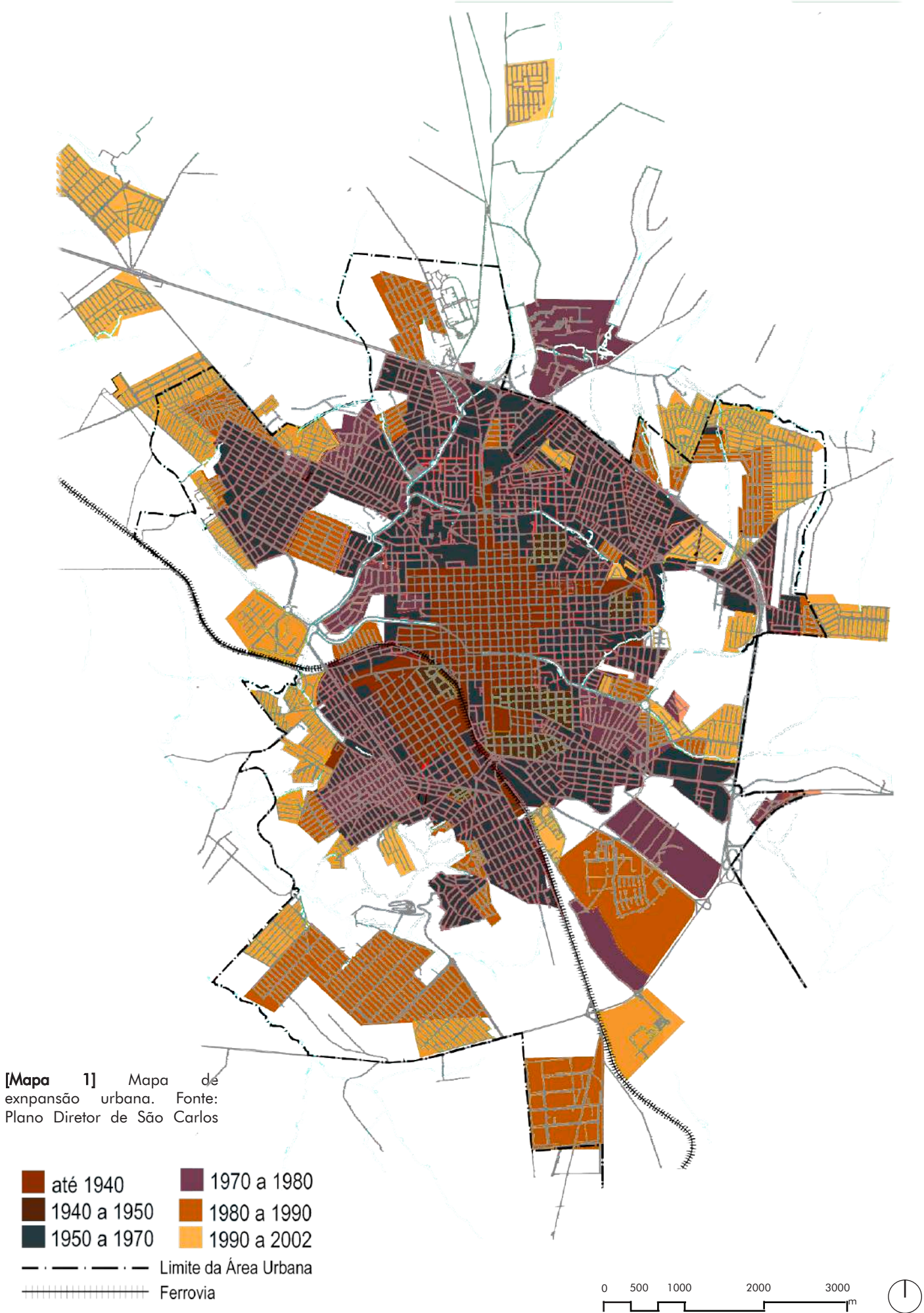
“Nesse período, formatou-se a estrutura básica da rede urbana paulista, organizada fisicamente pelo traçado das ferrovias. É isto que pode denominar-se processo de urbanização articulado à estruturação e ao desenvolvimento do complexo cafeeiro. Portanto, a marcha da ocupação do Estado de São Paulo, articulada ao complexo cafeeiro, realizou-se pelo avanço da fronteira agrícola (onde o café logo foi acompanhado de outras culturas) e pela concomitante criação de centros urbanos que a seguir se configuraram em novos municípios.”

(TOLEDO, 2011, p.05)

FORMAÇÃO DA CIDADE DE SÃO CARLOS E O PROCESSO DE CRESCIMENTO URBANO

A cidade de São Carlos se localiza na região que anteriormente ao surgimento e consolidação dos municípios era denominada como “Campos de Araraquara” (BENINCASA, 2003). A ocupação dessa região começa no final do século XVIII quando foi aberta uma trilha que levava as regiões mineradoras de Minas Gerais e Goiás. Em 1831 é demarcada a Sesmaria do Pinhal por Carlos Bartholomeu de Arruda Botelho. A fundação do município data de 4 de novembro de 1857, configurada por um povoamento de pequenas casas ao redor da capela, onde a maior parte da população era formada por membros da família Arruda Botelho, daí sua dada importância ao processo de formação da cidade.

Como dito anteriormente, o município tem início com uma pequena ocupação em torno de onde se localiza hoje a Catedral de São Carlos. Vai se expandindo de forma radial, como é possível notar no mapa ao lado, tendo hoje seu principal eixo de crescimento a noroeste.



Assim como diversas cidades do interior paulista que tiveram uma cultura cafeeira muito forte, São Carlos teve um impulsionamento em seu crescimento a partir das ferrovias e também a partir do fim da escravidão e da adoção da mão de obra livre. Além dos senhores de terra e de ex-escravos, a cidade é marcada por uma população advinda de um grande movimento de imigração, principalmente de origem européia.

“Com a extinção da escravidão em 1888, o processo migratório intensificou-se culminando na formação de um mercado de trabalho livre no país. O interior paulista vivenciou intensamente esse processo. À região de São Carlos chegaram alemães, espanhóis, mais portugueses, muitos italianos, turcos, síriolibaneses, árabes, depois japoneses e outros que continuaram chegando atraídos pela riqueza produzida pelo café. Esses imigrantes, vindos, em sua maioria, como força de trabalho para as fazendas, trouxeram também suas culturas, que se mesclaram às existentes e entre si, constituindo um intenso processo de aculturação que perdura até nossos dias.”
(OS PRIMEIROS, 2006, p.08)

[1] Estação Ferroviária de São Carlos, 1900 | Fonte: Fundação Pró Memória de São Carlos

[2] Rua São Carlos, 1910 | Fonte: Fundação Pró Memória de São Carlos

[3] Vista parcial da matriz, 1920 | Fonte: Fundação Pró Memória de São Carlos



A INFLUÊNCIA DOS NEGROS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CIDADE

Pouco se sabe a respeito da influência da população negra na formação do município de São Carlos. Entretanto, motivados pela inexistência de tais dados, pesquisadores têm unido esforços para recuperar a presença histórica dessa parcela da população. Alguns deles foram essenciais para o embasamento deste estudo, como Oliveira, Aguiar e Sousa.

A partir desses estudos é possível entender um pouco melhor sobre a existência da escravidão nas antigas fazendas do município, qual o destino da população negra após o fim da escravatura e como ocorreu o seu processo de ocupação no ambiente urbano. Ainda sobre o período de transformações urbanas, artigo publicado pela Fundação Pró-memória de São Carlos diz:

“Quanto ao aspecto social, as maiores mudanças deste período de formação de São Carlos se deram no modo de administração das fazendas. O fazendeiro, antes uma pessoa que vivia quase que exclusivamente no meio rural, transformou-se em um morador da cidade - ou, pelo menos, passou a frequentá-la com mais assiduidade [...]. Muitos cafeicultores receberam títulos de nobreza, que eram distribuídos pelo Imperador, numa negociação que envolvia interesses de ambos os lados: aos fazendeiros, além de um ar de nobreza, confirmava e aumentava o prestígio político na sua região de origem; ao Imperador, resultava em uma provável fidelidade e garantia de apoio à manutenção da Monarquia. Em relação aos trabalhadores rurais, inicialmente escravos, pouco usufruíram desta nova realidade econômica e social, como que excluídos dos benefícios obtidos com o seu trabalho. Os escravos, até o último instante antes da Abolição, padeceram com as humilhações e a aspereza do cativeiro. E, mesmo depois de libertos, continuaram a sofrer com o preconceito e o estigma cravado durante séculos de coerção. Junte-se a isso os poucos trabalhos desenvolvidos sobre a trajetória dessa grande parcela da população, principalmente após o período abolicionista.”

(OS PRIMEIROS, 2006, p.08)

Dessa forma, voltando para o ano de 1917, temos a carta escrita por Felício, ex-escravo da Fazenda do Pinhal, para Antonio Carlos Botelho, filho do Conde do Pinhal. Ele relata toda a sua vivência como escravo da família Botelho. Chega na Fazenda no período do primeiro casamento do Conde, onde primeiro serve como copeiro e, por ser letrado e ter se mostrado uma pessoa de confiança, torna-se caixeiro do armazém da família. Mais tarde, aos 14 anos, é obrigado a se tornar feitor dos escravos, ocupação a qual muito o açoitava. Na carta ele descreve que dali a 5 meses foram comprados 6 escravos, dali a 11 meses foram comprados mais 12 e dali a 12 meses foram comprados 28 escravos, entre esses últimos sua mulher Joaquina, que faleceu durante uma das idas do Conde ao Rio de Janeiro para comprar escravos. Segundo ele, quando chegou havia apenas um preto e quando deu-se o fim da escravatura haviam quinhentos. Além disso, ele cita a sua presença na abertura de diversas fazendas do interior paulista, que mais tarde tiveram importância no surgimento de municípios, entre elas a Fazenda Pinhal por volta de 1830, quando consolida-se sua ocupação em 1840, quando chega o café:



“(…) Eu fui compa[he]iro de abrir a fazenda de seu pae
fui compa[n]heiro de abrir a fazenda santo Antonio
fui compa[n]heiro de abri o parmitar
“ “ “ “ “ “ “ “ abrir a fazenda
serra
“ “ “ “ “ “ “ “ boa vista
“ “ “ “ “ “ “ “ de ajudar criar 13
filhos
trabalhei muito com a inteligencia esperteza
quen eu nao esperava dessa ingratição que
me fizerã dou graças a Deus doutor Christiano
me dá um pedacinho de terra [para]
esper que voces socorran con alguma couza
Eu quando entrei a com seu pae elle tinha
So um preto quando e [quem] que ajudou
comprar quando deu a liberdade elle estav[a]
com mas de quinhentos pret quem ajudou comp[rar]

Aceite muitas lembranças
a todos dahi
Do preto velho amigo
Felício”

[4] Carta escrita por Felício para Antonio Carlos Botelho|
Fonte: CECp, 2017

(CECP, 2017)

A carta mostra o quanto a figura de Felício foi imprescindível para a abertura de terras, assim como tantos outros pretos que são esquecidos pela história. No contexto da ocupação urbana, segundo Oliveira (2018), as cidades brasileiras atraíam muitos negros e negras que desejavam viver sua liberdade longe das fazenda produtoras, principalmente por conta de sua aparente variedade de atividades e serviços. Entretanto, essa ocupação era controlada pela Câmara Municipal, onde no então chamado município de São Carlos do Pinhal, esse controle do espaço urbano ocorreu de 1857 a 1929. Terras eram doadas pela Câmara Municipal e pelo Igreja a aqueles que desejassem se estabelecer, mas as regras de ocupação proporcionavam que a terra continuasse concentrada sob poder da elite agrária. Apenas em 1889 surgiram os primeiros loteamentos e as terras começaram a ser comercializadas.

“ (...) estas ações eram uma resposta à abolição da escravidão, com o intuito de dificultar a inclusão do negro no espaço urbano fazendo com que estes permanecessem atrelados aos trabalhos e espaços de morar ofertados pelos antigos senhores e também uma forma de impedir que se tornassem proprietários de terras no município.”

(OLIVEIRA, 2018, p.68)

Ainda segundo Oliveira, aqueles que mesmo assim decidiam ocupar o ambiente urbano, eram submetidos a um Código de Posturas que determinava a ocupação do solo e barrava comportamentos que afetavam os recém libertos. Não existem documentações que comprovem o movimento da população negra são-carlense logo após a abolição da escravatura, porém, analisando o censo de 1907, é possível entender o processo de ocupação urbana ocorrido. Como podemos ver nas estatísticas, a maior parte dos negros e negras ainda permaneciam no campo. Entretanto uma parcela considerável de pessoas já optava pela moradia na cidade. A maior parte se estabelecia na região central, mas eram nos bairros periféricos que estavam em maior concentração, consequência de uma das deliberações do Código de Posturas de 1905. Este último dividia o perímetro urbano entre área central e subúrbios, o que garantia que o centro mantivesse sua estética com grandes casarões ecléticos (BORTOLUCCI, 1991) e que os pobres fossem alocados para os novos loteamentos que surgiam em áreas distantes.

“Para as classes mais pobres, foram criados logo após a abolição da escravidão, os bairros, Vila Nery, Pureza e Izabel, os quais, a nosso ver, surgiram em resposta ao medo das elites que ocorresse uma migração em massa dos libertos para o espaço urbano com o fim da escravidão. Assim, evitando que eles ocupassem a região central, trataram logo de lotear espaços distantes, para que os mesmos pudessem se estabelecer longe do perímetro elitizado.”

(OLIVEIRA, 2018, p.231)

Gráfico 1: População de São Carlos por cor Recenseamento Populacional de 1907

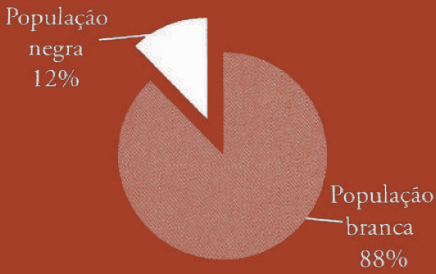


Gráfico 2: Presença negra em São Carlos Recenseamento Populacional de 1907

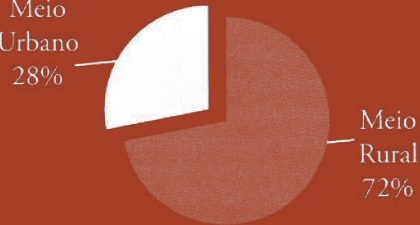


Gráfico 3: Presença negra no centro de São Carlos - Recenseamento Populacional de 1907

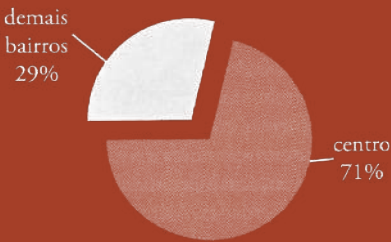


Gráfico 4: Presença negra nos bairros urbanos de São Carlos Recenseamento Populacional de 1907

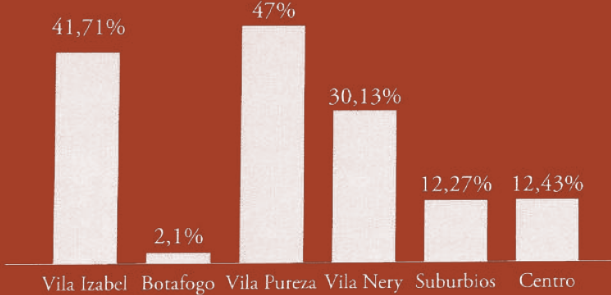
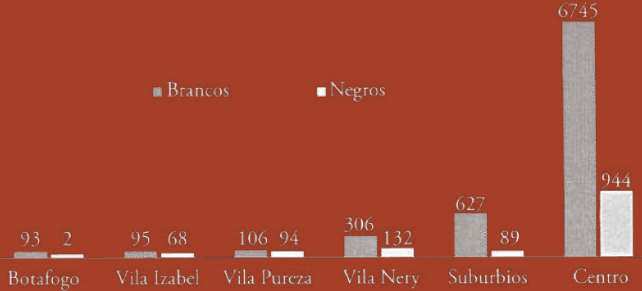


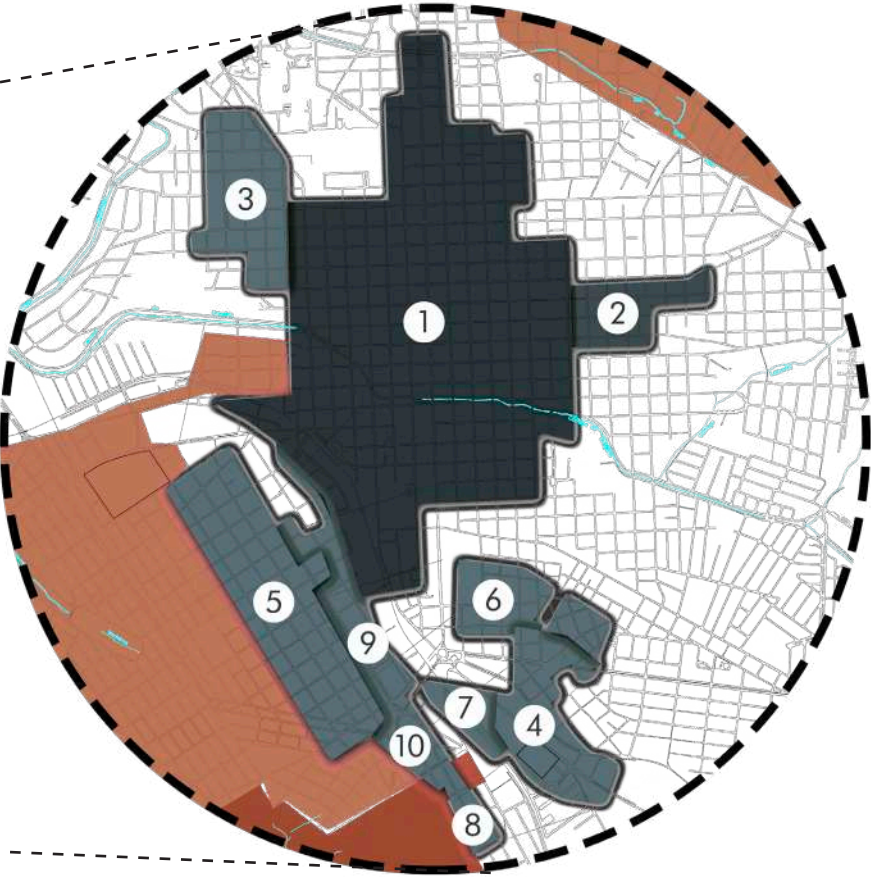
Gráfico 5: Presença negra nos espaço urbano de São Carlos Recenseamento Populacional de 1907



Esses loteamentos eram desprovidos de infraestrutura ou qualquer noção de embelezamento. Mas algumas facilidades para a aquisição de terrenos atraíam as populações mais pobres, como a troca da terra por trabalho. Fronteiras materiais e simbólicas começam a surgir. Espaços de lazer locais como Jockey Clube São-carlense e o Jardim da Matriz foram gradeados, estabelecendo uma separação entre elite e população pobre. Os grupos sociais frequentavam espaços distintos, como podemos ver na fundação de diversos clubes destinados somente à elite, ou somente aos imigrantes ou

somente aos negros. Em alguns casos não existia um código que impedisse tais vivências, mas existiam barreiras sociais que afastavam tais convívios. Um desses espaços é o Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio, espaço de lazer e ensino, criado por uma parcela da população negra de São Carlos, principalmente pela necessidade de espaços de convívio e pela falta de acesso aos preexistentes. A história deste espaço será abordada mais tarde em maior profundidade, mas sua presença na região central do município não poderia deixar de ser citada nesse momento.

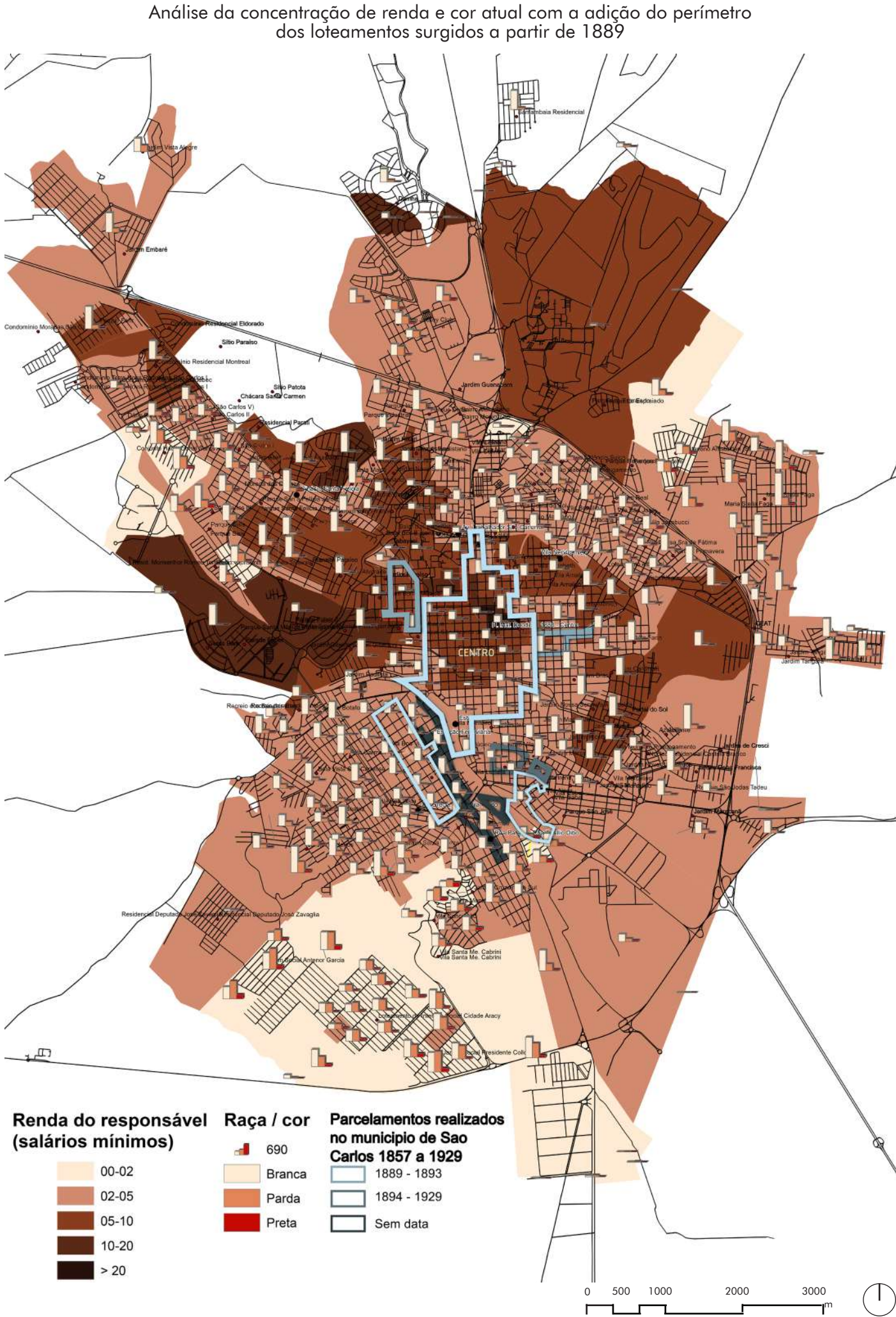
Análise do número de indivíduos negros na cidade de São carlos em 1910 e 2010



- | | |
|----------------------|---|
| 1 Centro | 6 Vila Marcelino - 1920 |
| 2 Vila Nery - 1889 | 7 Parcelamento Espontâneo 1 (Sem data) |
| 3 Vila Pureza - 1891 | 8 Parcelamento Espontâneo 2 - Colônia Fepasa (Sem data) |
| 4 Vila Isabel - 1892 | 9 Parcelamento Espontâneo 3 - Colônia Fepasa (Sem data) |
| 5 Vila Prado - 1893 | 10 Parcelamento Espontâneo 4 (Sem data) |

[Mapa 2] Fonte: Oliveira, 2018; Censo IBGE 2010

Com o passar do tempo, o processo de periferização da população negra continua a acontecer. Os bairros antes suburbanos agora localizam-se em regiões um pouco mais inclusas e a população negra continua a ser afastada e concentrada nas novas periferias de baixa renda e os antigos bairros negros continuam a caracterizar bairros de classe média baixa, como podemos ver no mapa a seguir:



[Mapa 3] Fonte: Oliveira, 2018; Censo IBGE 2010

Na tabela abaixo conseguimos visualizar a mudança na compreensão e quantificação racial na cidade. A proporção entre brancos e não brancos não sofreu tantas mudanças com o passar do tempo, mas ainda assim, a população negra e parda cresce em percentual, possuindo um peso maior ainda que antes em relação a população total do município.

Tabela 1: População Étnica de São Carlos (%)

Grupo	1886	1907	2010
Pretos	24,8	9,9	5,28
Pardos	12,2	n/d	21,56
Mulatos	n/d	2,6	—
Caboclos	18	n/d	—
Brancos Brasileiros	32,3	48,1	72,34
Italianos	6,5	29,3	—
Portugueses	2,9	4,3	—
Espanhóis	0,7	4,3	—
Alemães	2,3	0,5	—
Outros Imigrantes	0,2	1,1	—
Amarelos	—	—	0,74
Indígenas	—	—	0,09

[Tabela 1] População Étnica de São Carlos (%). Fonte: Relatório, 1888; Recenseamento 1907; Censo IBGE 2010

Na tabela abaixo conseguimos visualizar a mudança na compreensão e quantificação racial na cidade. A proporção entre brancos e não brancos não sofreu tantas mudanças com o passar do tempo, mas ainda assim, a população preta e parda cresce em percentual, possuindo um peso maior ainda que antes em relação a população total do município.

“Assim como nas inúmeras cidades do país, foram as mãos dos negros escravizados que assentaram os primeiros prédios em São Carlos do Pinhal e por mais que os dirigentes locais tivessem usado de suas influências políticas e de seus patrimônios econômicos não podemos deixar de evidenciar que os negros participaram ativamente dos processos de estruturação das cidades, usando por vezes seus conhecimentos e experiências em edificações.”
(OLIVEIRA, 2018, p.251)

É necessário que essa contribuição venha à tona não de forma pontual, mas que faça parte da memória que envolve toda a formação da cidade. A presença deve ser notada em todas as esferas, desde a do trabalho até a esfera social, econômica e cultural. É a partir dessa aspiração que este estudo deseja se desenvolver e se concretizar.

PATRIMÔNIO CULTURAL SÃO CARLENSE: UMA REFLEXÃO A RESPEITO DO QUE É PRESERVADO

Um dos principais questionamentos que acabaram resultando neste estudo era em relação aos critérios de escolha do que é tombado e preservado e consequentemente que história tais espaços contam. Ao realizar meu primeiro contato com a área do Patrimônio Cultural, durante meu estudo de Iniciação Científica, comecei a perceber as lacunas que existiam principalmente em torno da diversidade dos bens tombados. Meu estudo era acerca da Fazenda Pinhal e nesse momento entrei em contato com a história do local assim como com a família Arruda Botelho. Já naquele momento, dentro da Fazenda, sentia que existiam lacunas na narrativa contada pelo Patrimônio, que colocava em um papel de protagonismo uma figura idealizada do Conde do Pinhal. Negros e imigrantes eram citados, mas sempre brevemente e em segundo plano, de forma que não muito se sabia sobre eles.

No meu contato cotidiano com o Patrimônio Cultural urbano de São Carlos, percebia quase que uma continuidade da narrativa que conheci na fazenda. Aspectos como a repetição assídua do sobrenome Arruda Botelho em ruas, edificações ligadas à mesma família, como o Palacete Conde do Pinhal e o próprio fato do nome da cidade ser uma forma de homenagem ao santo padroeiro da família: São Carlos Borromeu.

O que antes eram apenas questionamentos, comprovou-se através da busca por dados mais precisos. Ao realizar o levantamento dos bens tombados na cidade em âmbito estadual pelo CONDEPHAAT, mostrados no mapa 4, existe uma hegemonia de bens pertencentes à parcela da elite branca da população, sendo a Fazenda Pinhal o único bem tombado em âmbito nacional pelo IPHAN. Mas um ponto chamou atenção: a presença de um único bem tombado que não se encaixava em tal caracterização. Um clube negro, cuja arquitetura difere do nível de rebuscamento existente nos demais edifícios tombados e localizado na região central da cidade, quase que contrariando todos os fatos que expusemos anteriormente. O clube citado é o Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio, que só por sua localização e reconhecimento cultural apreendidos em um primeiro momento já se mostra como um espaço de resistência.

Estudando mais afundo, descubro que na realidade o local ainda está na fase de estudo de tombamento pelo CONDEPHAAT e que sofre o risco de ser apropriado pela prefeitura por conta de dívidas.

Por tais motivos este local foi escolhido, por ser até hoje um símbolo de resistência na ocupação urbana da população negra e também pela urgência de visibilizar este local dado seu contexto atual.

Bens Patrimoniais tombados pelo CONDEPHAAT na cidade de São Carlos, SP

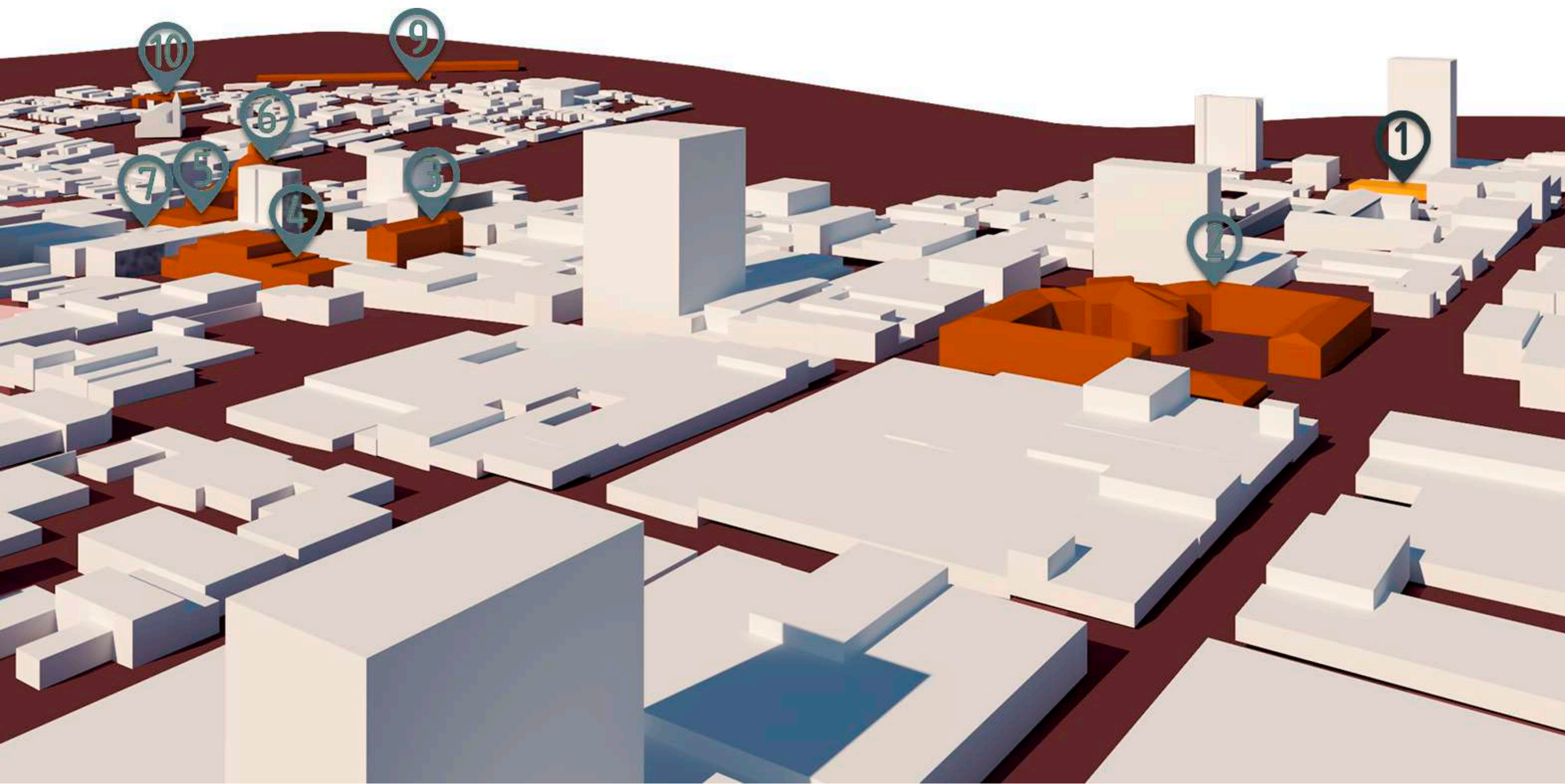
[Imagem 5] Montagem fotográfica das edificações tombadas pelo CONDEPHAAT no perímetro urbano de São Carlos | Fonte: (1): Arquivo pessoal (2): e (7) São Carlos Agora (3), (6) e (10): G1 (4): A cidade online (5): Wikimedia (8): CDCC USP (9): Construtora Tecnibras

[Mapa 4] Bens Patrimoniais tombados pelo CONDEPHAAT na cidade de São Carlos, SP
Fonte: CONDEPHAAT, 2019



- | | |
|--|---|
| ① Grêmio Recreativo Flor de Maio | ⑥ Catedral de São Carlos |
| ② Escola Estadual Dr. Álvaro Guião | ⑦ Jardim Público |
| ③ Câmara Municipal de São Carlos | ⑧ CDCC - Centro de Divulgação Científica e Cultural |
| ④ Escola Estadual Coronel Paulino Carlos | ⑨ Escola Estadual Eugênio Franco |
| ⑤ Palacete Conde do Pinhal | ⑩ Estação Ferroviária de São Carlos |

Fazenda Pinhal



[Im 6] Perspectiva aérea com marcação dos bens tombados pelo CONDEPHAAT na cidade de São Carlos, SP. Fonte: Produção Autoral

ESPAÇOS DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL NEGRA EM SÃO CARLOS

Desde o pré abolição, as manifestações culturais negras são muito presentes. Inicialmente, no período da escravidão, ocupam o espaço de produção, onde são manifestados saberes, costumes, religião, dança, música. Nesse momento existe uma grande censura em torno dessas expressões e tais atos muitas vezes foram camuflados sob a cultura branca, como a exemplo dos sincretismos religiosos, sendo conservados através de um grande movimento de resistência. Ambientes como a senzala não eram passivos, servindo não só como espaço de morada, mas também de força e cultura.

No pós abolição, as manifestações culturais passam a ocupar também o ambiente urbano, onde de certa forma existe uma maior liberdade de expressão, mas a realidade é marcada por uma forte opressão e segregação. Dessa forma, as manifestações ficam restritas às regiões periféricas e associações negras. Ainda assim, associações como o Grêmio Flor de Maio eram direcionadas para uma elite negra, onde apenas os que estivessem inseridos em um certo padrão econômico e social poderiam fazer parte, o que fazia com que, segundo Oliveira (2018), o lazer, cultos e outras formas de expressão da maior parte da população negra na verdade ficasse restrita a seus quintais.

Ainda hoje essa tradição se mantém, tomando novas formas. Exemplo disso é a Casa do Hip Hop e a criação de vários Slams (Poetry Slams), que são batalhas de poesia falada. Tais manifestações ocorrem em São Carlos principalmente através da ocupação de espaços públicos como praças e parques e reúnem pessoas negras ou não, mas que por se manifestarem em espaços de maioria negra e pela ideologia inerente em suas práticas são de vital importância para este estudo.

No Mapa 5 temos um mapeamento inicial de manifestações culturais negras no município de São Carlos, onde foram reunidos organizações, centros de estudo e algumas ocupações que ocorrem hoje. É válido mencionar que este levantamento não está completo, visto que é raso considerar apenas organizações oficializadas e de cunho não religioso. Ao lado, no diagrama 1, temos um

panorama histórico das principais organizações negras tradicionais da cidade, que deram início em 1908, com a Sociedade Luiz Gama, que foi precursora do movimento negro no município.

Organizações Negras de São Carlos-SP		
Sociedade Luiz Gama		
1908	1920	
Sociedade 13 de Maio		
1924	1940	
Sociedade Recreativa Familiar Aliança		
1932	1940	
Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio		
1928	Até Hoje	
Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada		
Anos 70	201*	
Grupo de Cultura Afro-Brasileira/UFSCar		
1980	Até Hoje	
Centro Cultural Negro		
1985	Até Hoje	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro/UFSCar		
1991	Até Hoje	

Organizações e espaços de manifestação cultural negra na cidade de São Carlos, SP



[Mapa 5] Organizações e espaços de manifestação cultural negra na cidade de São Carlos - SP| Fonte: Aguiar, 1998; Levantamento Autoral

[Diagrama 1] Organizações Negras de São Carlos - SP| Fonte: Centro Municipal de Cultura Afro Brasileira Odette dos Santos

- Ocupações Culturais em espaços públicos
- Instituições Municipais
- Organizações Negras

O LUGAR



BREVE HISTÓRICO

O clube foi fundado em 4 de maio de 1928, sendo o terceiro clube negro mais antigo do estado, sendo formado por trabalhadores da Companhia Paulista de estradas de ferro (Fepasa), considerados como uma elite negra do município de São Carlos. Em um contexto urbano segregado, onde as parcelas da população raramente se misturavam, o clube surge como uma forma de resposta a impossibilidade de ingresso dos negros nos clubes e sociedades preexistentes, como afirma Aguiar (1998).

“Esse clube inicialmente nasce da necessidade da população negra de um espaço de lazer e encontros. Seu desenvolvimento leva à formação de uma identidade negra positiva, a qual foi a base da constituição das futuras organizações negras de São Carlos.”
(AGUIAR, 2007, p.03)

A primeira sede localizava-se na esquina entre as ruas Marechal Deodoro e Aquidabã, mas tal espaço não comportava a dimensão dos eventos realizados, então transferiu-se a sede para a esquina entre as ruas José Bonifácio e 13 de Maio. Meses depois, com o crescimento um acelerado, mais uma vez houve a necessidade de mudança, sendo o novo espaço localizado no cruzamento entre as ruas Aquidabã e Conde do Pinhal e mais tarde para a Rua Conde do Pinhal, no prédio onde funcionava o Albergue Noturno Municipal. (BALA, 2013)

O crescimento continuou constante, o que contribuiu cada vez mais com a vontade de possuir uma sede definitiva e com a capacidade de comportar suas atividades permanentemente. Dessa forma, em 1948 são realizadas as solenidades para a construção da atual sede, tendo em 1949 o início da construção. Esta localiza-se na Rua Padre Teixeira, esquina com a Rua José Bonifácio. Vale



[Im 7] Baile de Carnaval no Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio | Fonte: Acervo de Odila dos Santos de Aguiar

notar que apesar de hoje essas localizações estarem inseridas na região central da cidade, na época, inseriam-se em uma região pouco nobre e periférica, cercada por moradias precárias e cortiços.

O terreno foi doado pela Câmara Municipal de São Carlos e a construção demorou quatro anos para ser concluída, o que mostra os sacrifícios realizados para sua concretização, já que haviam dificuldades quanto aos recursos financeiros (AGUIAR, 1998).

O clube é construído com a ideia de ser um espaço de emancipação do negro, onde pudesse oferecer um local de lazer e ensino adequados, para que este pudesse adentrar na sociedade de forma mais igualitária. A partir disso, uma das propostas iniciais do clube era a presença de uma escola primária, que teve suas atividades iniciadas em 1937 e recebia negros e brancos. O clube possuía um código de comportamentos que visava afastar a negritude da ideia de vadiagem. Existiam regras de comportamento dentro e fora do clube, assim como de vestimenta. Como a maior parte dos negros e negras não tinham acesso a esse tipo de recursos, o clube ficava restrito a uma pequena parcela da população negra.

Alguns acontecimentos ressaltam a importância do Flor de Maio na cidade, entre eles a realização do primeiro concurso de Rainha Negra de São Carlos, mas que segundo Aguiar (1998), ainda ocorriam em um molde baseado nos concursos realizados nos clubes das elites brancas. Entretanto, o espaço mostra-se como palco de resistência, pois nele existe um movimento de união e conscientização do negro, sendo uma importante ferramenta para a formação de uma identidade.

Em 1973 é realizado um Ciclo de Palestras em torno da temática da situação do negro no Brasil, que retoma mais uma vez o espaço e sua importância para o debate e a conscientização. Foi também nesse espaço que as atividades do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada (década de 1970 a década de 2010) surgiram e permaneceram na maior parte de sua existência.

Em 2011, é reconhecida a importância histórica do clube através do tombamento em âmbito municipal e iniciado o processo de tombamento no âmbito estadual pelo CONDEPHAAT, juntamente ao Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro, localizado em Jundiá e à Sociedade Beneficente 13 de Maio, localizada em Piracicaba. Entretanto, tal acontecimento não foi suficiente para que ocorresse um real reconhecimento perante a população da cidade. O clube, apesar de tombado, é invisível aos olhos da maior parte da população, que passa pela sua frente mas não sabe a importância que o local possui. O local é mais conhecido como um salão de bailes do que propriamente por um local de memória da cultura negra.

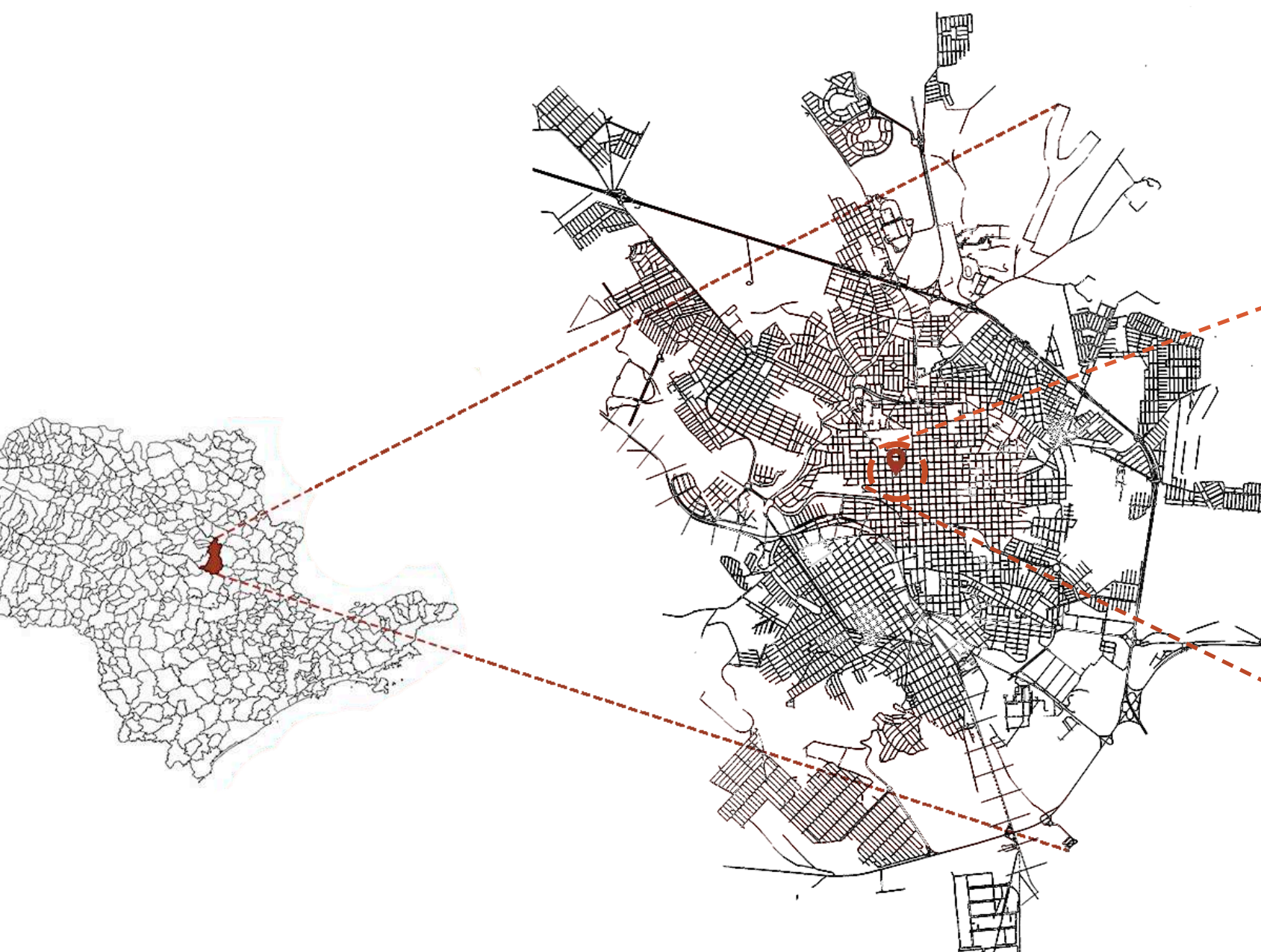
É nesse espaço em que cresce Odette dos Santos, uma das principais figuras do movimento negro de São Carlos. Seus pais fazem parte do grupo de pessoas que fundaram o local. Juntamente a diretoria do clube criou a primeira escola de dança de salão da cidade e posteriormente sua própria escola de samba, também a primeira no município, “Odette e sua Escola de Samba”. Hoje, ela dá nome ao Centro de Cultura Afro-Brasileira Municipal, localizado em um dos casarões da família Arruda Botelho.

[Im. 8] Grupo Musical do Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio | Fonte: Fundação Pró Memória de São Carlos



[Im. 9] Porta bandeira da escola de samba de Odette dos Santos | Fonte: Fundação Pró Memória de São Carlos

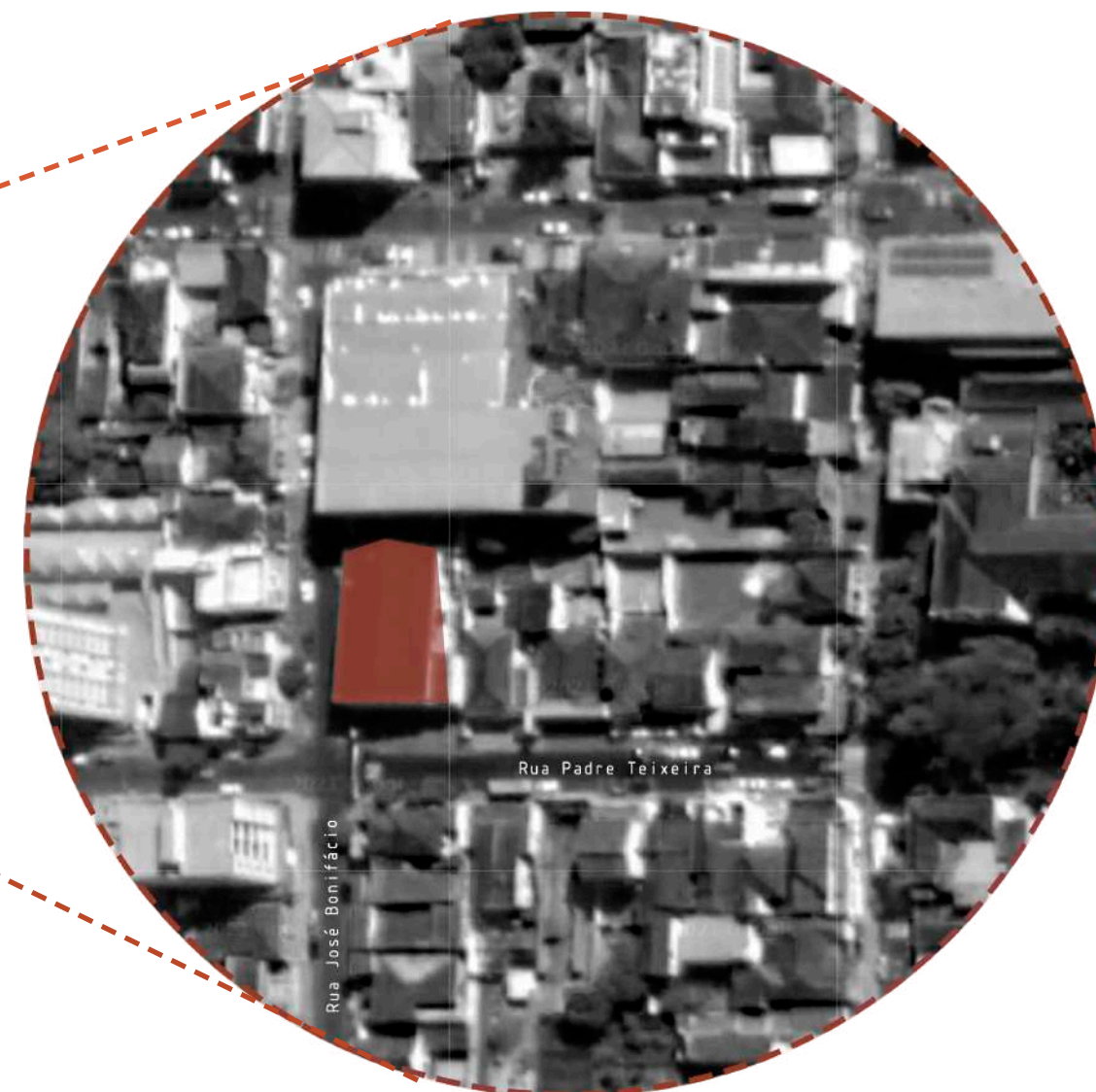




Localizado na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo, o Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio foi escolhido como objeto de partida deste estudo por conta de sua importância cultural e histórica. Fundado no ano de 1928, é o terceiro clube negro mais antigo do estado de São Paulo.

Juntamente ao Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro, localizado em Jundiaí e à Sociedade Beneficente 13 de Maio, localizada em Piracicaba, está em processo de tombamento em âmbito estadual pelo CONDEPHAAT desde 2011.

Localiza-se na área central da cidade, na esquina entre as ruas Padre Teixeira e José Bonifácio, região que na data da fundação da atual sede, era considerada como periférica e pouco privilegiada do ponto de vista social.



[Mapa 6] Inserção do projeto em escala estadual e municipal | Fonte: Levantamento Autoral

[Im. 10] Vista aérea do centro de São Carlos, com localização do Grêmio indicada | Fonte: Programa Cidades Sustentáveis



CHEIOS E VAZIOS

É característica da região central como um todo a ocupação dos lotes a partir das bordas, tendo como consequência um desenho urbano com miolos de quadra quase sempre desocupados e ociosos.

GABARITO

Ainda que haja uma predominância de edificações de um e dois pavimentos, percebe-se uma crescente verticalização, com edificações com 5 ou mais pavimentos, principalmente por torres residenciais com 10 pavimentos ou mais.

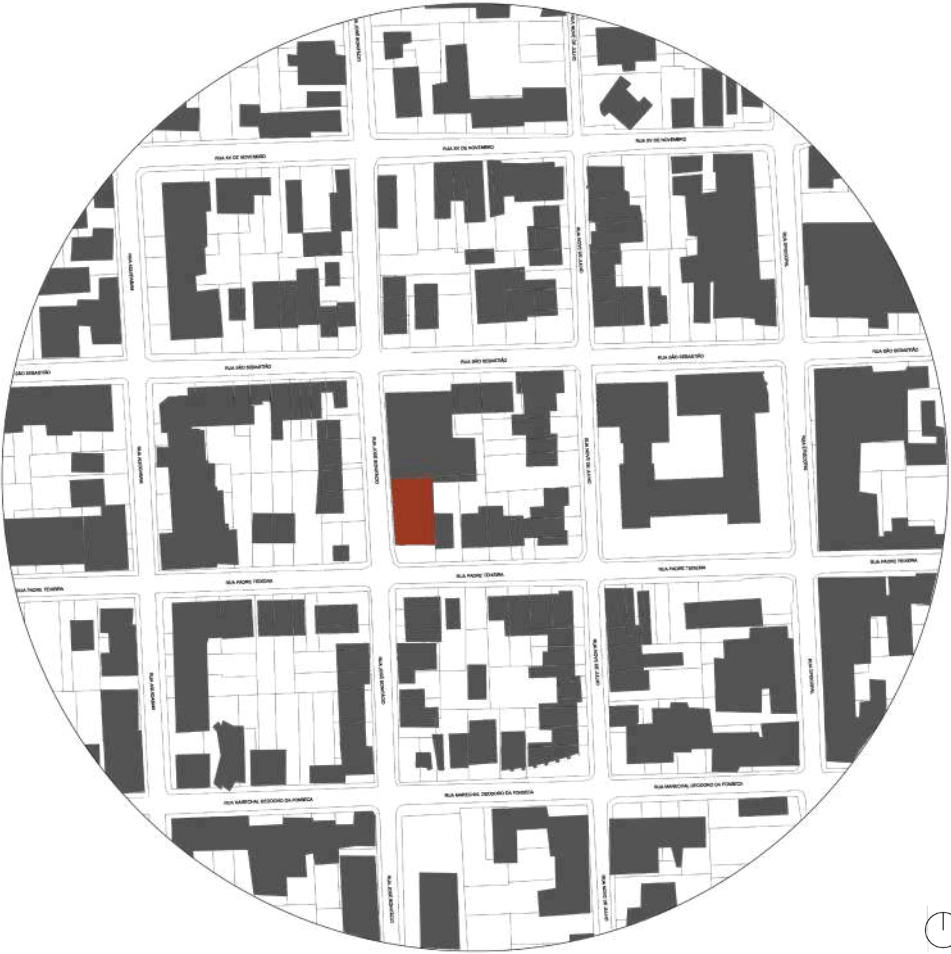
[Mapa 7] Mapa de Figura e Fundo do entorno do Grêmio Flor de Maio | Fonte: Levantamento Autoral

[Mapa 8] Mapa de Gabaritos do entorno do Grêmio Flor de Maio | Fonte: Levantamento Autoral

Grêmio Flor de Maio

Cheio

Vazio



Vazio

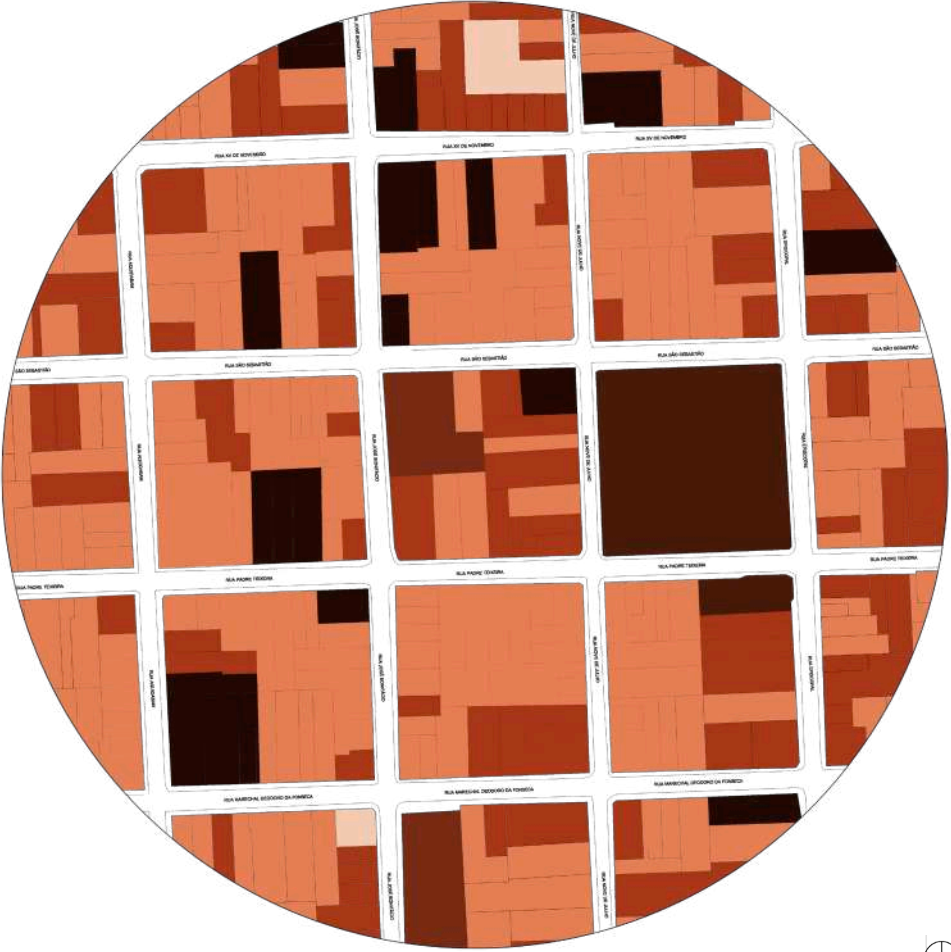
1 Pavimento

2 Pavimentos

3 Pavimentos

4 Pavimentos

5 ou mais Pavimentos



USOS DO SOLO

A região é predominantemente ocupada por comércio e serviços, com uma crescente verticalização a partir de edifícios unicamente residenciais ou de uso misto.

ÁREAS LIVRES , EQUIPAMENTOS CULTURAIS E EDUCACIONAIS

A região dispõe de três grandes espaços livres públicos, a Praça XV de Novembro, a Praça Coronel Sales e o Jardim Público. Quanto aos equipamentos culturais e educacionais, são muitos, porém em sua grande maioria de ingresso particular.

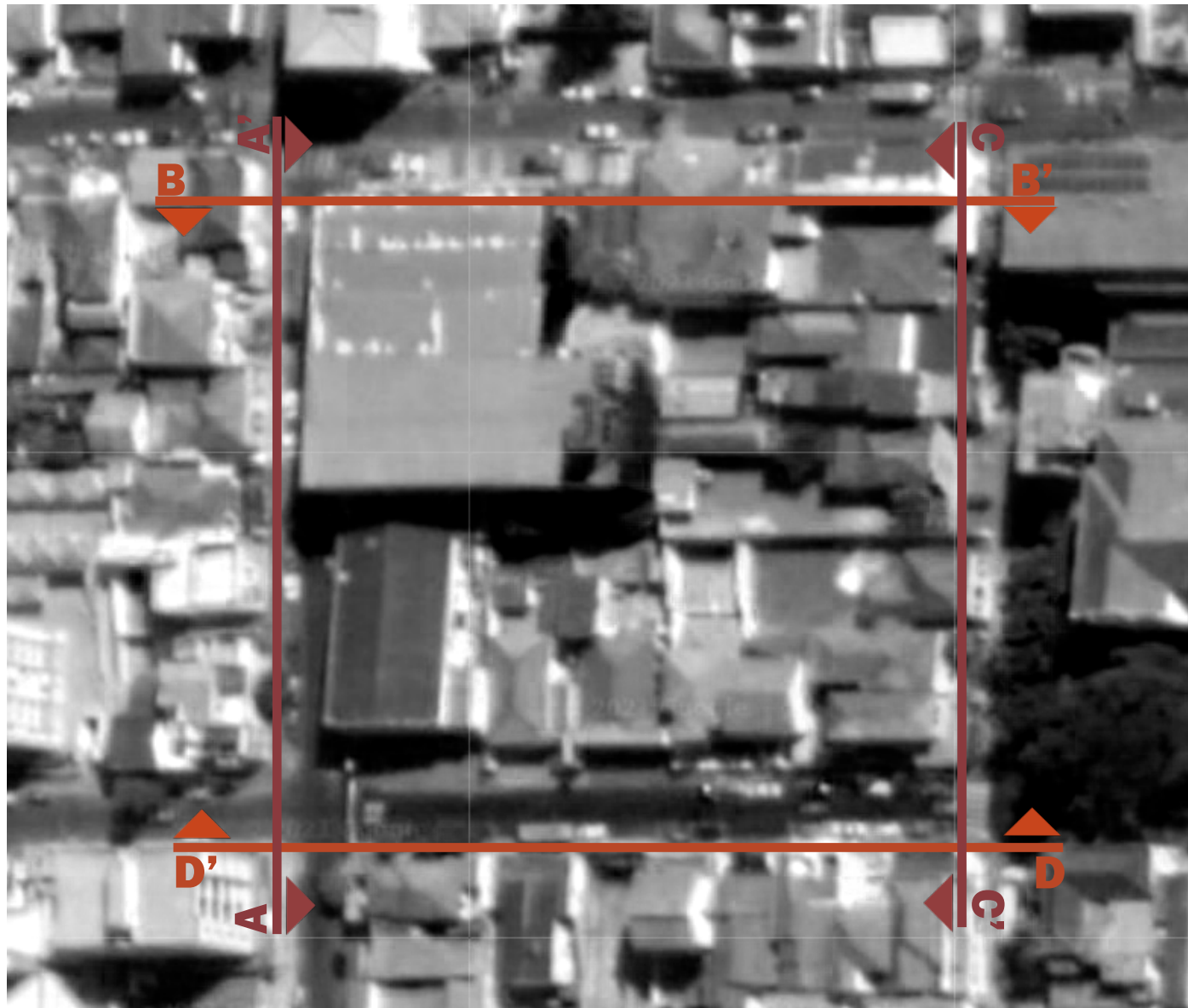
[Mapa 9] Mapa de Usos do solo do entorno do Grêmio Flor de Maio | Fonte: Levantamento Autoral

[Mapa 8] Mapa de Áreas livres e Equipamentos educacional e cultural do entorno do Grêmio Flor de Maio | Fonte: Levantamento Autoral



- Áreas Verdes
- Equipamentos Eduacionais
- Equipamentos Culturais
- Equipamentos de música
- Teatro Municipal





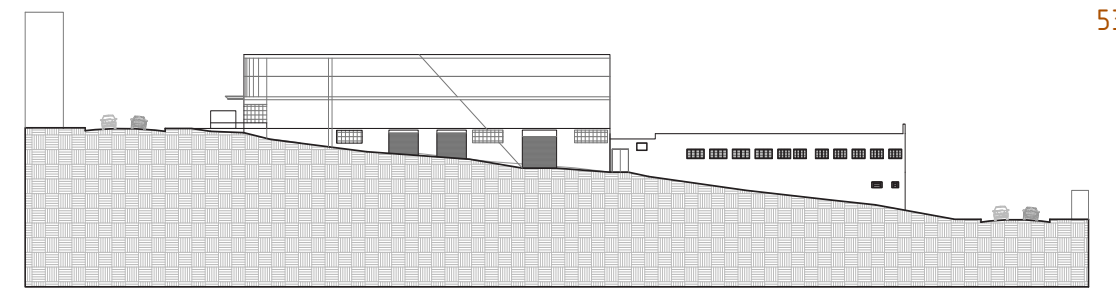
A QUADRA

Aproximando-nos da quadra do projeto, temos uma situação onde predominam os usos de comércio e serviços. Observa-se também que, em grande maioria, as edificações possuem um caráter residencial adaptado para tais usos. O Supermercado presente na esquina das ruas São Sebastião e José Bonifácio acaba sendo um marco na quadra, principalmente por conta de sua dimensão, gabarito e comunicação visual forte. Tais aspectos acabam por contribuir com a invisibilização do Grêmio Flor de Maio, que fazendo fundo com tal edificação e possuindo uma arquitetura de caráter modesto, é “engolido” pelas cores e dimensões de seu vizinho.

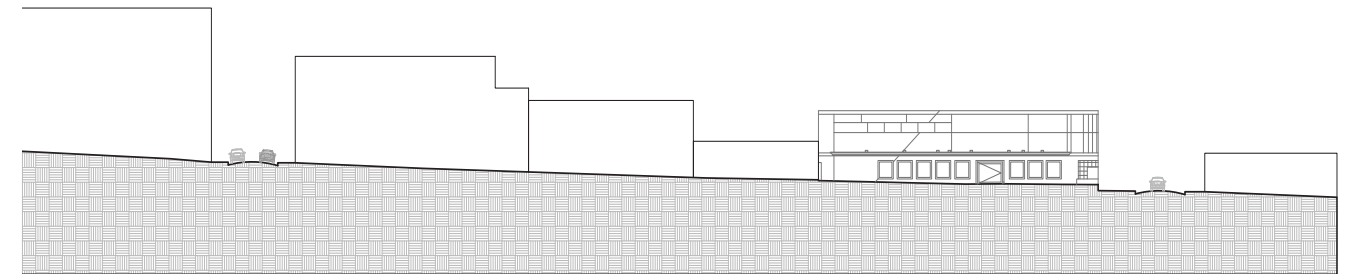
Outra característica marcante da quadra é o desnível acentuado. Este é de aproximadamente 12 metros e cresce na diagonal da quadra. O clube marca o lote mais baixo, enquanto o lote superior direito marca o lote mais alto da quadra.

[Im. 11] Vista aérea da quadra de intervenção + indicações das elevações | Fonte: Google Earth, desenho autoral

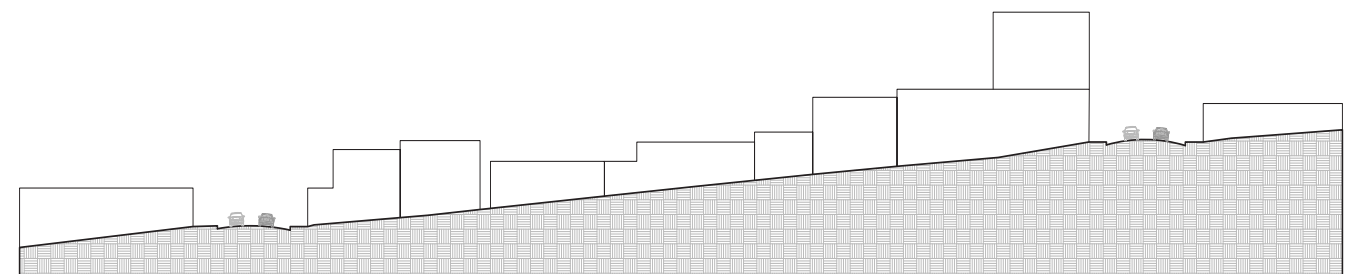
[Im. 12, 13, 14 e 15] Elevações atuais da quadra | Fonte: Levantamento Autoral



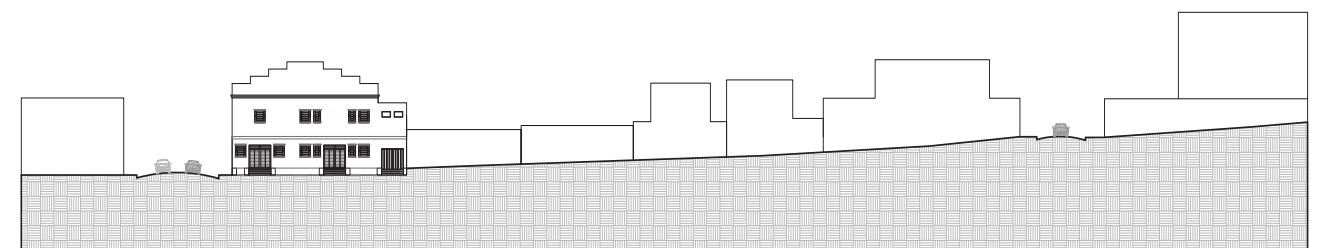
Elevação AA'



Elevação BB'



Elevação CC'



Elevação DD'

O EDIFÍCIO

O edifício onde se encontra a atual sede do Grêmio Flor de Maio é inaugurado em 9 de março de 1953, passando por inúmeras modificações até conformar o prédio que existe nos dias atuais. A construção original é realizada pelos próprios membros do clube em seu tempo livre e contando com o apoio da prefeitura municipal de São Carlos e da Companhia Paulista. Esta primeira edificação é feita em um sistema construtivo tradicional, utilizando alvenaria de tijolos, que segundo Aguiar (1998), foram aproveitados de uma casa em desmanche doada pela prefeitura.

“...então conseguimos fazer com todo sacrifício e muita labuta e pra trabalhar, eles trabalhavam, sa- iam do serviço as duas horas e a gente de casa man- dava lanche, uma comida.... .”
(apud AGUIAR, p. 50, 1998)

Foram necessárias expansões conforme o crescimento da entidade, portanto várias reformas foram realizadas. O primeiro registro na prefeitura no qual é anexado desenho da edificação data de 1988, onde é aprovada uma regularização pelo Corpo de Bombeiros. Entretanto, através de registros fotográficos é possível notar a transformação da edificação. Em uma primeira ampliação do clube, são adicionados pilares circulares de concreto aparente em meio ao salão de baile. Neste momento, a estrutura da cobertura e o forro são de madeira. Já em uma segunda ampliação, realizada entre o fim da década de 1980 e início da década de 1990, a cobertura é substituída por uma estrutura metálica, capaz de vencer o vão sem a interrupção por pilares, e colocado um forro acústico de fibra mineral. Também é realizada uma reforma que adiciona dois banheiros ao pavimento do salão, entretanto esta não temos referências da data em que foi realizada até o momento deste estudo. Com isso, a edificação hoje mostra uma sobreposição de camadas temporais, onde o clube vai se adaptando às novas demandas de seus sócios.

[Im. 16] Edificação original do Grêmio Flor de Maio, década de 1950 | Fonte: Fundação Pró Memória de São Carlos

[Im. 17] Plantas do Grêmio Flor de Maio , 1988 | Fonte: Fundação Pró Memória de São Carlos + Redesenho autoral

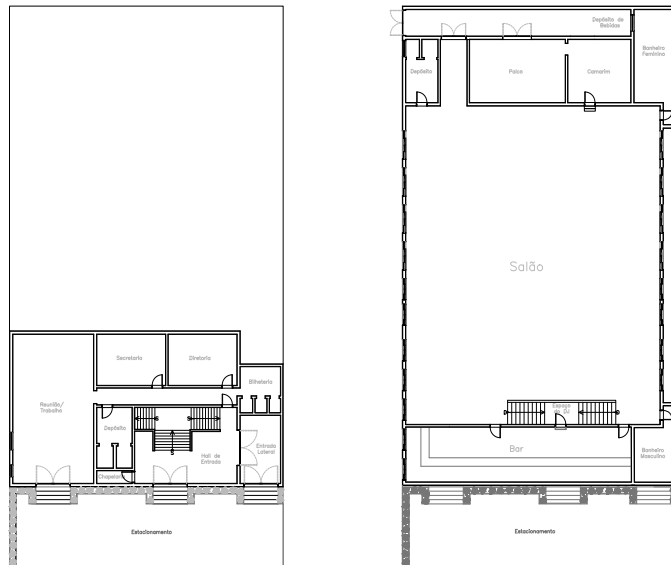
[Im. 18] Plantas atuais do Grêmio Flor de Maio| Fonte: Levantamento Autoral



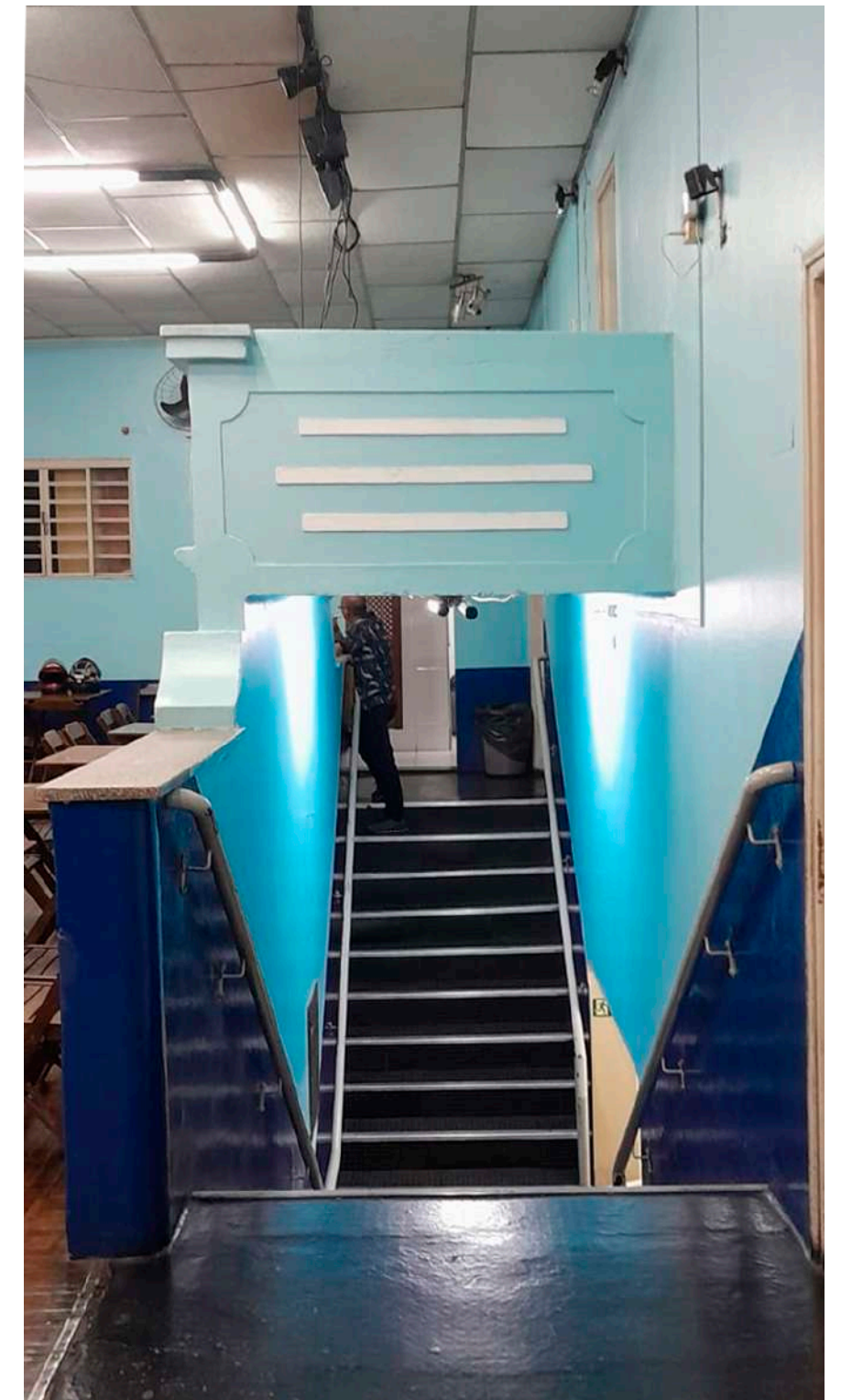
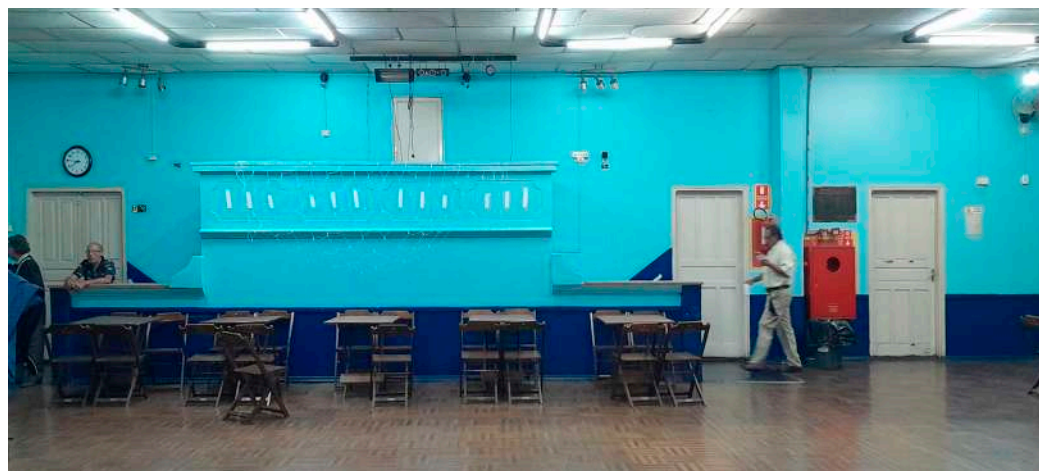
1988



2022



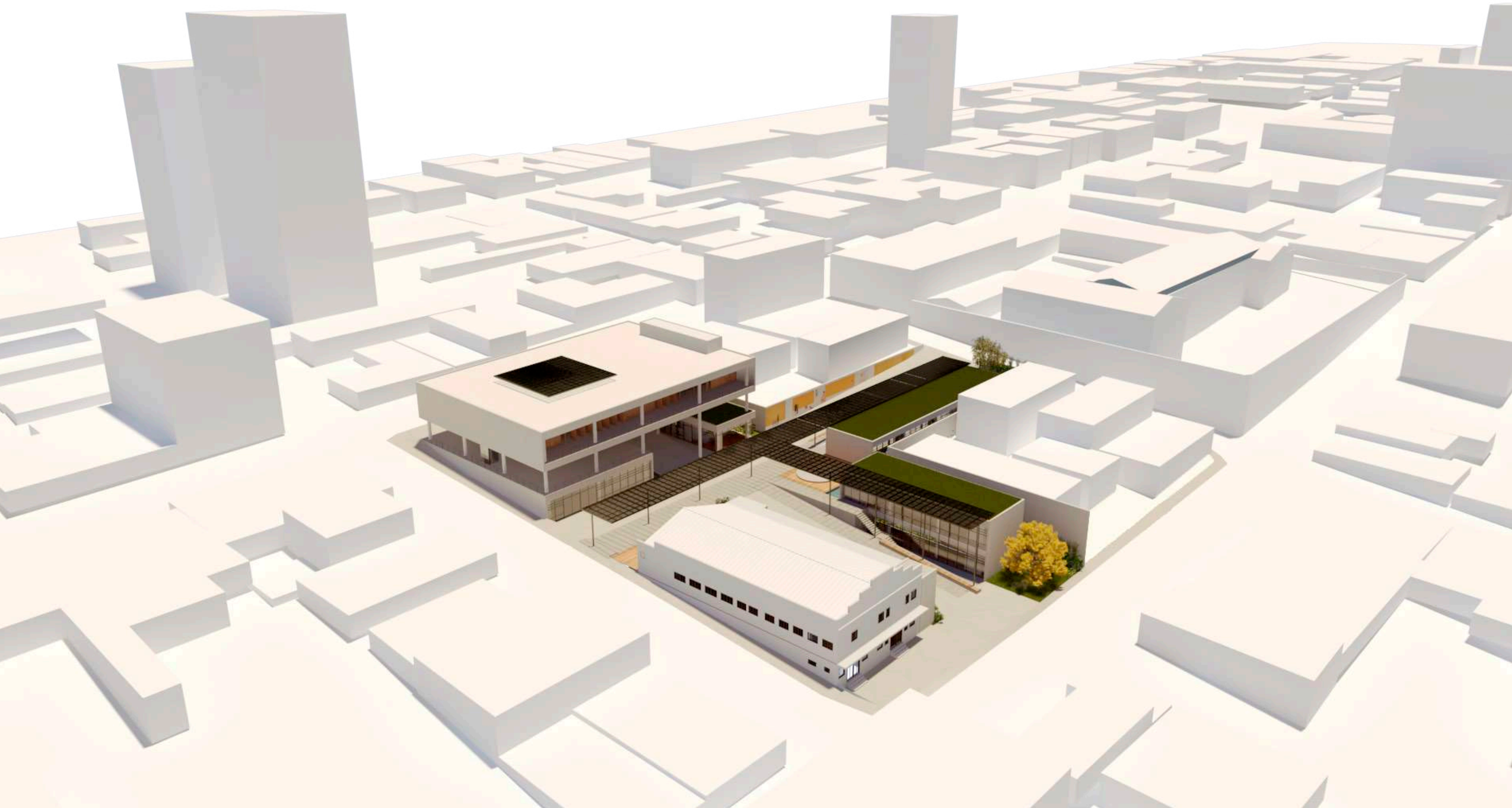
1 5 10 20



[Im. 19, 20, 21, 22 e 24]
Fotografias do interior
do salão do Grêmio
Flor de Maio, 2022
| Fonte: Autoria de
Joana D'Arc de Oliveira

[Im. 23] Fotografias
do exterior do Grêmio
Flor de Maio, 2022 |
Fonte: Produção Autoral

[Im 25] Vista aérea
do projeto do Centro
Cultural Flor de Maio|
Fonte: Produção Autoral



DIRETRIZES GERAIS DE INTERVENÇÃO

REFORÇAR A IDENTIDADE DO FLOR DE MAIO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

A proposta busca, primordialmente, visibilizar o Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio e expandir a influência de sua atuação para o âmbito do apoio jurídico social e de atividades e produções culturais.

CRIAR ESPAÇO DE ENCONTRO PÚBLICOS

A proposta busca a criação de áreas qualificadas que possibilitem diversas formas de estar. Procura-se criar desde espaços amplos e secos, até áreas intensamente vegetadas. Além disso, busca-se uma qualificação dos espaços de passagem, ressignificando o caminhar no interior da quadra.

APROXIMAR O PÚBLICO DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS

Acreditamos que o contato entre gerações é primordial para que as tradições e saberes sejam transmitidos, dada a importância da oralidade nesta transmissão. Entretanto, é comum hoje que o Grêmio Flor de Maio seja frequentado por gerações mais antigas e, como vimos anteriormente no Mapa 5, que as manifestações culturais dos jovens se aconteçam nas periferias e nos espaços públicos centrais. Dessa forma, a proposta busca proporcionar espaços públicos propícios para as manifestações de ambas as gerações, facilitando sua aproximação.

APROXIMAR SOCIEDADE E UNIVERSIDADE

Sendo São Carlos um grande polo científico, possuindo vários grupos de estudo focados nas temáticas raciais, a proposta busca proporcionar um espaço de pesquisa dentro do centro cultural, aproximando pesquisadores e frequentadores do centro cultural. Assim, reunindo a juventude da prática científica e auxiliando na democratização da produção acadêmica no município.

PROGRAMA

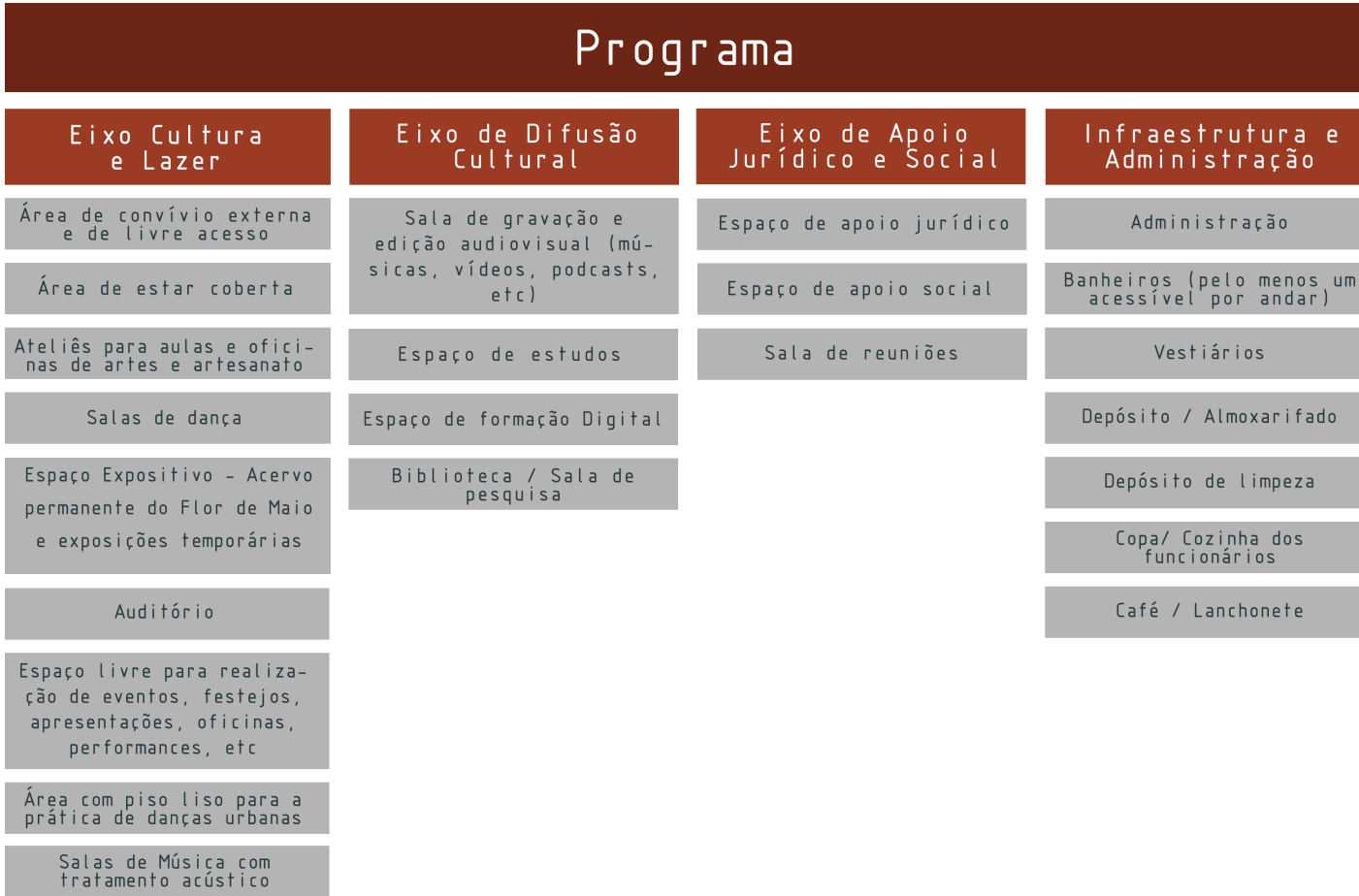
O programa foi desenvolvido tendo como base o atual programa do Centro Municipal de Cultura Afro Brasileira Odette dos Santos e através de um diálogo e observação sobre possíveis adições e melhorias. Além disso, foram estudados os programas da Praça das Artes (Brasil Arquitetura, 2012) e do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso – Vila Nova Cachoeirinha (mobilização da comunidade no Orçamento Participativo, 2006) ambos em São Paulo. A partir disso, o programa busca uma maior transversalidade entre gerações e suas práticas culturais, na mesma medida que busca possibilitar meios de empoderamento e emancipação da juventude. Além disso, o espaço busca abrigar apoio jurídico social de acesso público, servindo como um intermediário entre indivíduos e órgãos públicos diante de situações de enfrentamento.

Dessa forma, o programa se engloba em três grandes eixos: Eixo de cultura e lazer, Eixo de difusão cultural e eixo de apoio jurídico e social. Para possibilitar o pleno funcionamento do espaço, adicionamos um quarto eixo, o eixo de infraestrutura.



[Diagrama 2] Eixos do programa do Centro Cultural Flor de Maio|
Fonte: Produção Autoral

Assim, o programa busca englobar espaços dedicados à musica, dança, artes visuais, artesanato, esporte, estudos, pesquisa, apoio social e apoio jurídico:



[Diagrama 3] Programa do Centro Cultural Flor de Maio| Fonte: Produção Autoral

DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO | ESCALA DA QUADRA

ATIVAR O INTERIOR DA QUADRA

Contestando a tipologia original das quadras centrais da cidade de São Carlos, que é caracterizada pela ocupação pelas pontas e vazios centrais, a proposta busca ativar o miolo da quadra, transformando-o em espaço de passagem, de estar e de manifestações culturais.

TRAZER A DIMENSÃO DA RUA E DA CULTURA URBANA PARA O INTERIOR DA QUADRA

Tendo em consideração que as manifestações culturais da negritude muitas vezes estão atreladas à ocupação da rua e dos espaços públicos, como a exemplo do graffiti, dos slams e do hip hop, um dos objetivos da proposta é trazer esta dimensão para dentro da quadra e, conseqüentemente, para dentro dos edifícios. Busca-se trazer, também, espaços apropriados para práticas de danças urbanas e do skate.

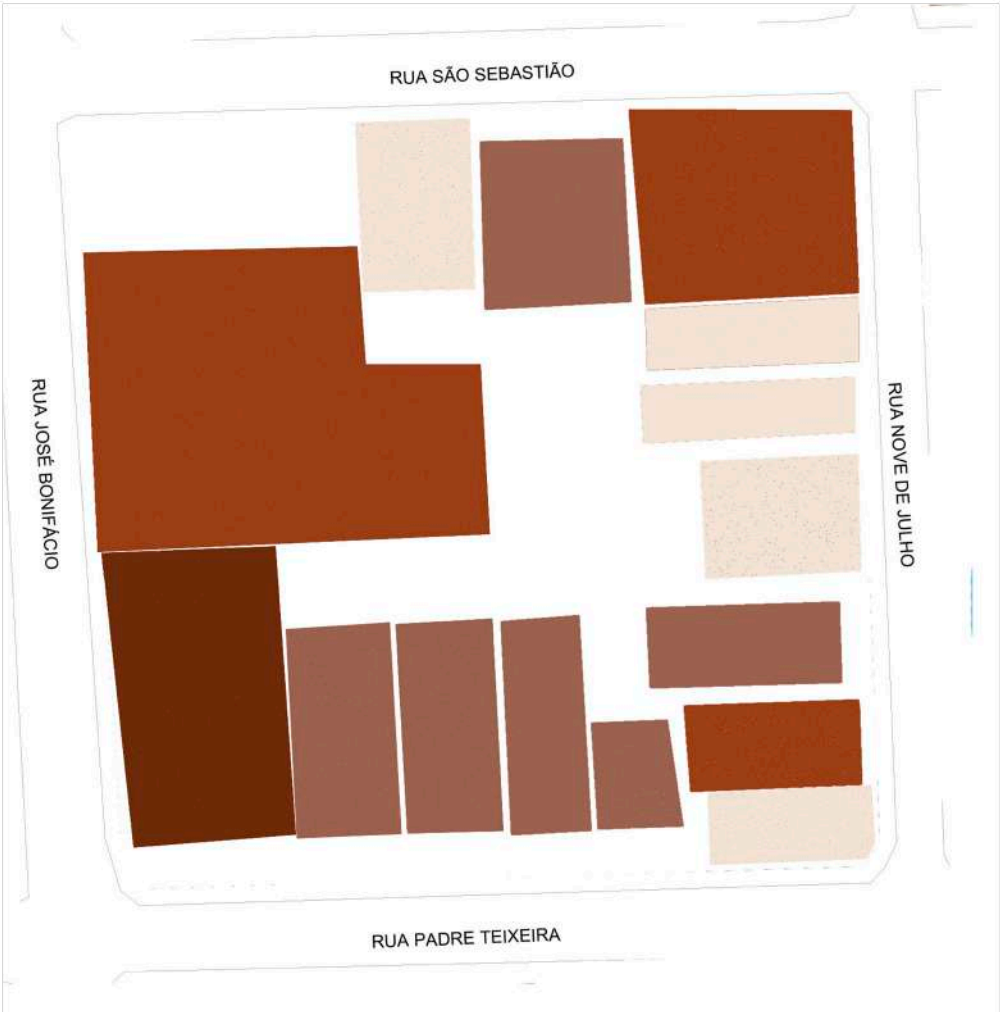
DESAPROPRIAÇÃO E DIREITO DE PREEMPÇÃO

Sendo o Flor de Maio um marco de resistência na área central da cidade de São Carlos -SP, buscamos que sua presença seja um marco consolidado não apenas no lote, mas em toda a quadra. Para tal, seria necessário expandi-lo através da apropriação de lotes vizinhos.

Assim, analisando as edificações existentes na quadra em relação ao grau de consolidação de seu uso e ao seu valor arquitetônico (mapa 9), optamos pela desapropriação e preempção de 6 lotes que cercam o Grêmio Flor de Maio, que ou estão em desuso, ou possuem baixo valor arquitetônico. Para tal, pretendemos utilizar da desapropriação dos lotes em uso e do direito de preempção dos lotes em desuso.

O Plano Diretor da cidade de São Carlos prevê no Art. 171 que fica instituído o Direito de Preempção ao Poder Público Municipal imóveis urbanos objetos de alienação onerosa quando o município necessitar de áreas para implantação de equipamentos urbanos comunitários, criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes e proteção de áreas de interesse histórico, cultural ou paisagístico. Sendo este o contexto dos lotes em desuso da quadra de intervenção, justifica-se a preempção dos mesmos. Como forma viabilizar a proposta, usa-se a desapropriação dos demais lotes necessários resultando em novos vazios presentes na quadra, mostrados no mapa 10.

[Mapa 9] Mapa de consolidação dos usos e valor arquitetônico das edificações da quadra do Grêmio Flor de Maio | Fonte: Levantamento Autoral

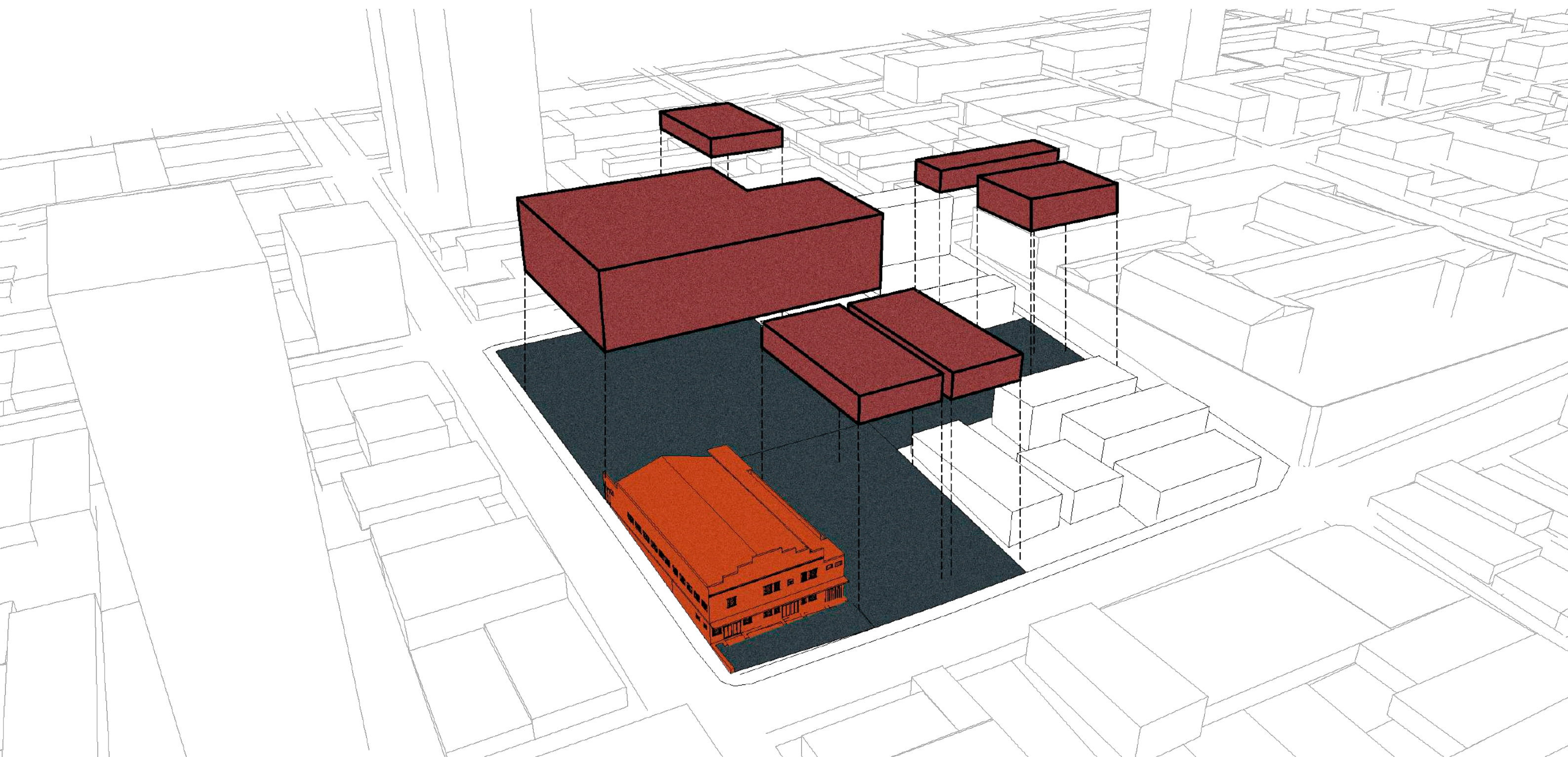


- Edificação com uso consolidado e valor histórico
- Edificação com uso consolidado e baixo valor arquitetônico
- Edificação com uso pouco consolidado e baixo valor arquitetônico
- Edificação em desuso e baixo valor arquitetônico

[Mapa 10] Mapa da nova conformação de vazios da quadra do Grêmio Flor de Maio | Fonte: Levantamento Autoral

[Im 26] Nova conformação da quadra do Grêmio Flor de Maio | Fonte: Produção Autoral

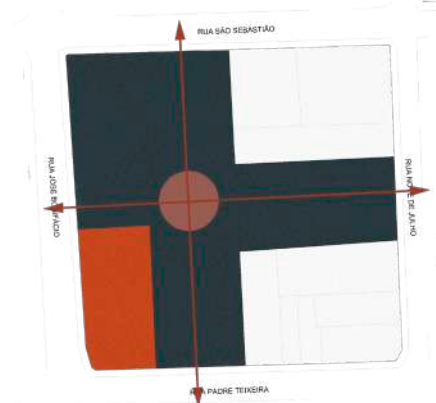
- Novo Vazio
- Edificação desapropriada
- Edificação mantida



PARTIDO PROJETUAL | ESCALA DA QUADRA

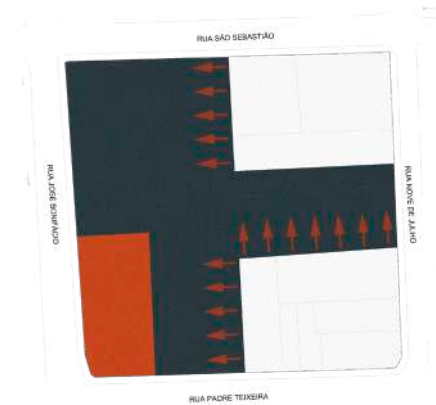
EIXOS ESTRUTURANTES E CRUZAMENTO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO

Como ponto de partida, definimos os eixos estruturantes do projeto perpendiculares um ao outro. Tais eixos conformam os espaços de passagem e de estar externos e seu cruzamento define um espaço de encontro, onde pretende-se criar um uso mais consolidado de palco externo, fomentando manifestações culturais diversas.



RECUOS VERDES

Para que haja um descolamento das edificações vizinhas e para propiciar estratégias de conforto, pretende-se criar recuos verdes. Estes além de propiciarem na ventilação e iluminação natural das edificações, proporcionam experiência estética e sensorial para seus usuários.



ESPAÇOS DE USO VERSÁTEIS

Pretende-se que as áreas externas possam ser utilizadas para os mais diversos fins, desde o caminhar, até a prática de esportes, de música, dança, debates, exposições, feiras e afins.

APROVEITAMENTO DO DESNÍVEL

O posicionamento de um esquema de rampas busca um melhor aproveitamento do desnível ao mesmo tempo em que proporciona acessibilidade a todo o conjunto.

COBERTURA TRANSLÚCIDA

A colocação de uma cobertura translúcida possibilita o acesso coberto a todas as edificações do projeto, na mesma medida em que articula todo o conjunto através da marcação de seus eixos estruturantes.

[Mapa 11] Ilustração dos eixos estruturantes do projeto e de seu cruzamento | Fonte: Produção Autoral

[Mapa 12] Ilustração do partido de recuos verdes | Fonte: Produção Autoral

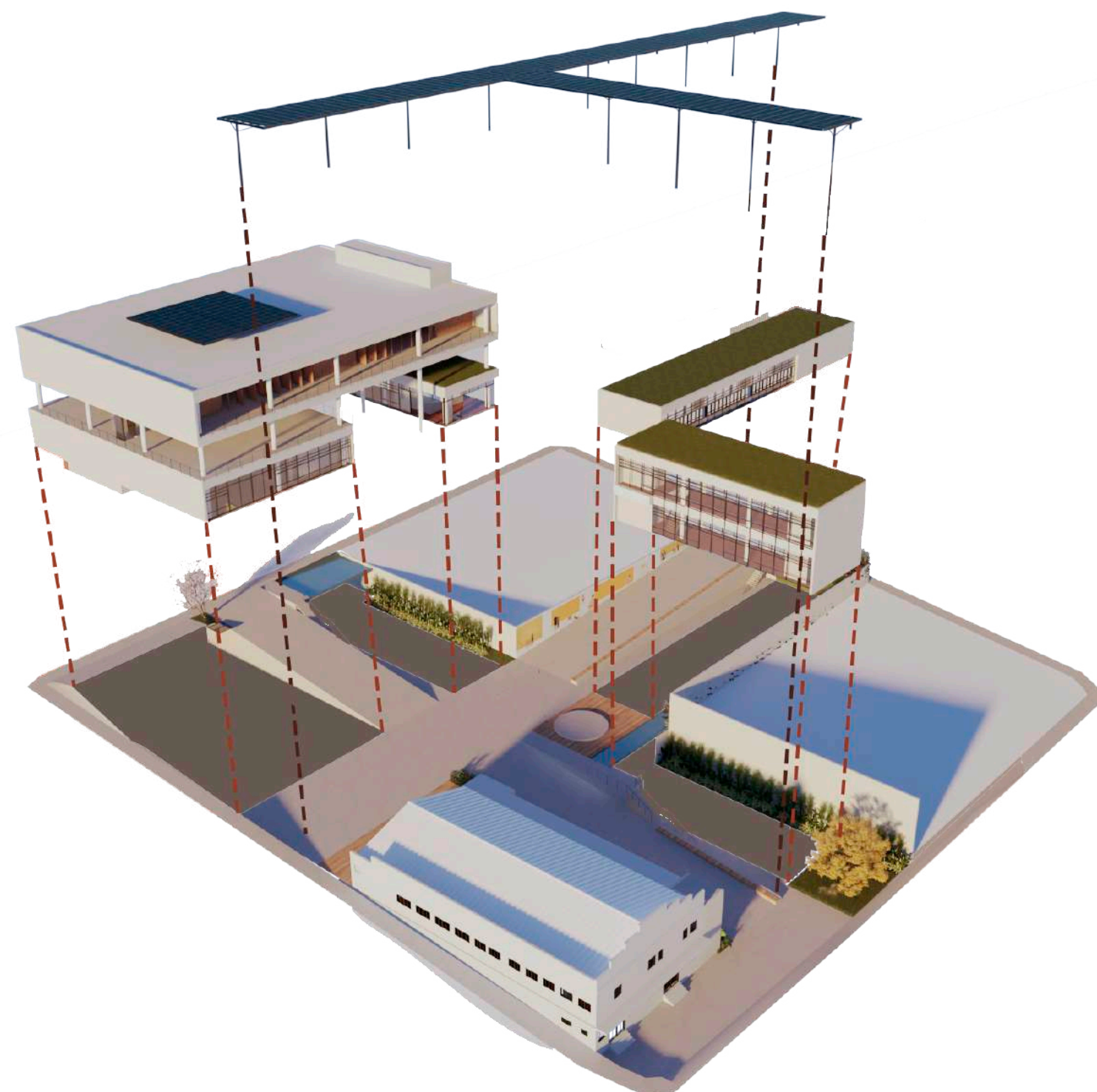
[Im 27] Perspectiva Explodida do Projeto | Fonte: Produção Autoral

PROGRAMA DESCENTRALIZADO

Espacializa-se o programa de forma descentralizada, ou seja, não existindo apenas um edifício que o abriga por inteiro, mas em um conjunto de edifícios que são articulados por um espaço de passagem e estar públicos qualificados.

FLOR DE MAIO COMO NORTEADOR DO ESPAÇO

Uma das principais diretrizes da proposta é reforçar a identidade cultural do Grêmio Flor de Maio como Patrimônio Cultural. Dessa forma, o projeto é construído em torno dele. As edificações e demais elementos da quadra são posicionados a partir de seus alinhamentos, resultando em uma implantação que abraça o Grêmio como parte constituinte do conjunto.





[Im 28] Implantação
do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral



DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO | ESCALA DO EDIFÍCIO

GRÊMIO FLOR DE MAIO COMO MÓDULO

Assim como a implantação segue o Grêmio Flor de Maio como módulo norteador, o mesmo acontece nas edificações. O pé direito dos prédios segue a mesma modulação do pé direito do piso do salão, assim como as esquadrias seguem a mesma modulação das esquadrias presentes nas laterais do grêmio, possuindo 1,5m de largura.

PERMEABILIDADE VISUAL

A proposta busca uma maior permeabilidade visual de seus edifícios, proporcionando assim uma maior relação do interior com o exterior destes. Dessa forma, quem caminha exteriormente consegue enxergar o que acontece no interior, trazendo uma maior sensação de segurança no espaço e também atraindo para as atividades que ali dentro ocorrem. Já para os que estão no interior, possibilita a sensação de amplitude do espaço, a relação com as pessoas que estão no exterior e com os elementos paisagísticos, como as áreas vegetadas e os espelhos d'água, o que acarreta na melhoria do conforto do espaço.

QUALIFICAÇÃO DAS COBERTURAS

Dado o grande desnível existente dentro da quadra, os edifícios foram dispostos de forma que os indivíduos possuem uma grande interação com as coberturas, tanto visualmente, quanto devido a sua proximidade. Em alguns casos, a cobertura está a nível do piso de circulação, como na relação entre o bloco do ateliê e da entrada do edifício pela rua São Sebastião. Com isso, torna-se necessária uma qualificação das coberturas, pois estas deixam de ser apenas pragmáticas e passam a fazer parte da composição do espaço.

DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO CULTURAL

Quando se trata da questão de intervenções arquitetônicas em Patrimônio Cultural, a professora Ana Paula Farah afirma:

“A Arquitetura e o Restauro devem ser entendidos como uma atividade de transformação existente. Contudo, para que não haja equívocos, a transformação pressupõe modificação e necessita se pautar na fundamentação teórica e no rigor metodológico (que o campo exige), sem os quais, essa prática pode apropriar-se de respostas projetuais errôneas (por não respeitar os aspectos documentais, de composição, materiais, memoriais e simbólicos) gerando várias imprecisões e ambiguidades, acarretando toda uma série de problemas de percepção em relação ao ambiente construído preexistente.”

(FARAH, 2017, p.390-391)

Dessa forma, é necessário que as decisões projetuais sejam pautadas em fundamentações teóricas, técnicas e metodológicas. Tais fundamentações vem sendo discutidas através de diversas vertentes, entre elas a vertente do restauro crítico, também conhecida como vertente brandiana.

Essa vertente enxerga o restauro como ato cultural multidisciplinar, onde as questões pragmáticas são existentes, mas não predominantes. Acredita que as intervenções devem ser baseadas na reflexão crítica e científica nos campos da história e da estética (FARAH, 2017). Dessa forma, Brandi define o restauro como sendo “o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão ao futuro.” (BRANDI, 2004, p.30). Desse pensamento partem as Cartas Patrimoniais (Carta de Atenas, Carta de Veneza, etc.) , que reúnem um conjunto de diretrizes para a execução de projetos de restauro evitando-se intervenções errôneas e garantindo aos monumentos a manutenção de seu valor cultural. O conteúdo dessas cartas será refletido na proposta projetual a ser apresentada, de forma que as intervenções sejam respeitadas às camadas preexistentes.

O projeto desenvolvido deverá abordar questões como autenticidade, distinguibilidade, reversibilidade, reconstrução e restauração (LEOPACI, 2018). É necessário que se mantenha a autenticidade do bem tombado, de forma que não se criem simulacros do bem original. Ou seja, é preciso que o novo seja distinguível do preexistente, para que as camadas temporais sejam reconhecidas. Além disso, é desejável que a proposta projetual tenha caráter reversivo no caso de necessidades futuras ou equívocos a

serem solucionados. No caso de necessidade de reconstrução, reforços estruturais ou quaisquer outros tipos de intervenção altamente necessárias para a salvaguarda do bem, voltamos à necessidade da distinguibilidade. Pode haver o uso de novas tecnologias, se estas respeitarem os conceitos citados anteriormente, assim como é descrito no Artigo 9º da Carta de Veneza (1964):

Artigo 9º - A restauração é uma operação que deve ter caráter excepcional. Tem por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamentam-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos. Termina onde começa a hipótese; no plano das reconstituições conjecturais, todo trabalho complementar reconhecido como indispensável por razões estéticas ou técnicas destacar-se-á da composição arquitetônica e deverá ostentar a marca do nosso tempo. A restauração sempre será procedida e acompanhada de um estudo arqueológico e histórico do monumento.

(apud CURY, 2000)

Além disso, deve-se entender o bem patrimonial como o resultado de uma sobreposição de camadas temporais, onde todas as camadas devem ser respeitadas durante as escolhas de projeto, como é citado em trecho do Artigo 11º da Carta de Veneza:

Artigo 11º - As contribuições válidas de todas as épocas para a edificação do monumento devem ser respeitadas, visto que a unidade de estilo não é a finalidade a alcançar no curso de uma restauração. [...]

(apud CURY, 2000)

Dessa forma, a partir deste estudo, desde os levantamentos históricos e documentais realizados, pretendemos realizar uma proposta respeitosa e que esteja de acordo com as diretrizes de intervenção pautadas na vertente do restauro crítico.



[Im 29] Fotografia do interior do Grêmio Flor de Maio na década de 1970 | Fonte: Acervo de Odila dos Santos de Aguiar

PARTIDO PROJETUAL | ESCALA DO EDIFÍCIO

PLANTAS LIVRES

Assim como há uma liberdade de usos na escala da quadra, este mesmo partido se reflete no interior das edificações através das plantas livres. Dessa forma, a conformação dos usos se dá pelo layout, possibilitando uma organização dinâmica dos interiores de acordo com as demandas e necessidades.

COBERTURAS VERDES

Seguindo a diretriz de qualificação das coberturas, optamos pela utilização de telhados jardim, pois além de proporcionar uma maior qualidade visual para a cobertura, influencia no conforto térmico da edificação.

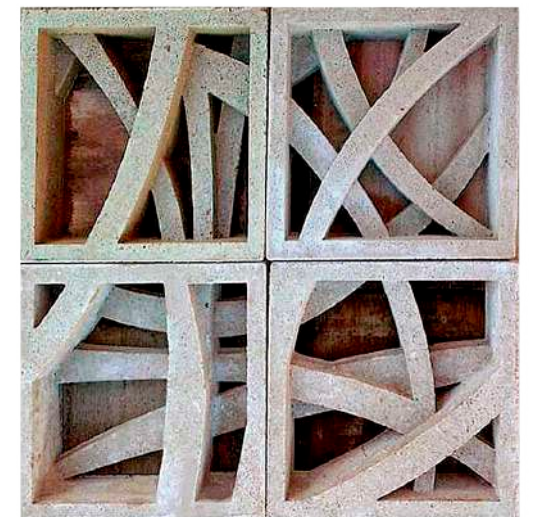
SISTEMA CONSTRUTIVO

O sistema construtivo escolhido foi o de concreto armado, com pilares circulares e vigas em concreto aparente e lajes nervuradas protendidas. Tal escolha se deu por conta de sua capacidade de vencimento de vãos e por sua qualidade estética, que não causa um grande contraste com a materialidade do Grêmio Flor de Maio, ao mesmo tempo que não a simula.

MATERIALIDADE

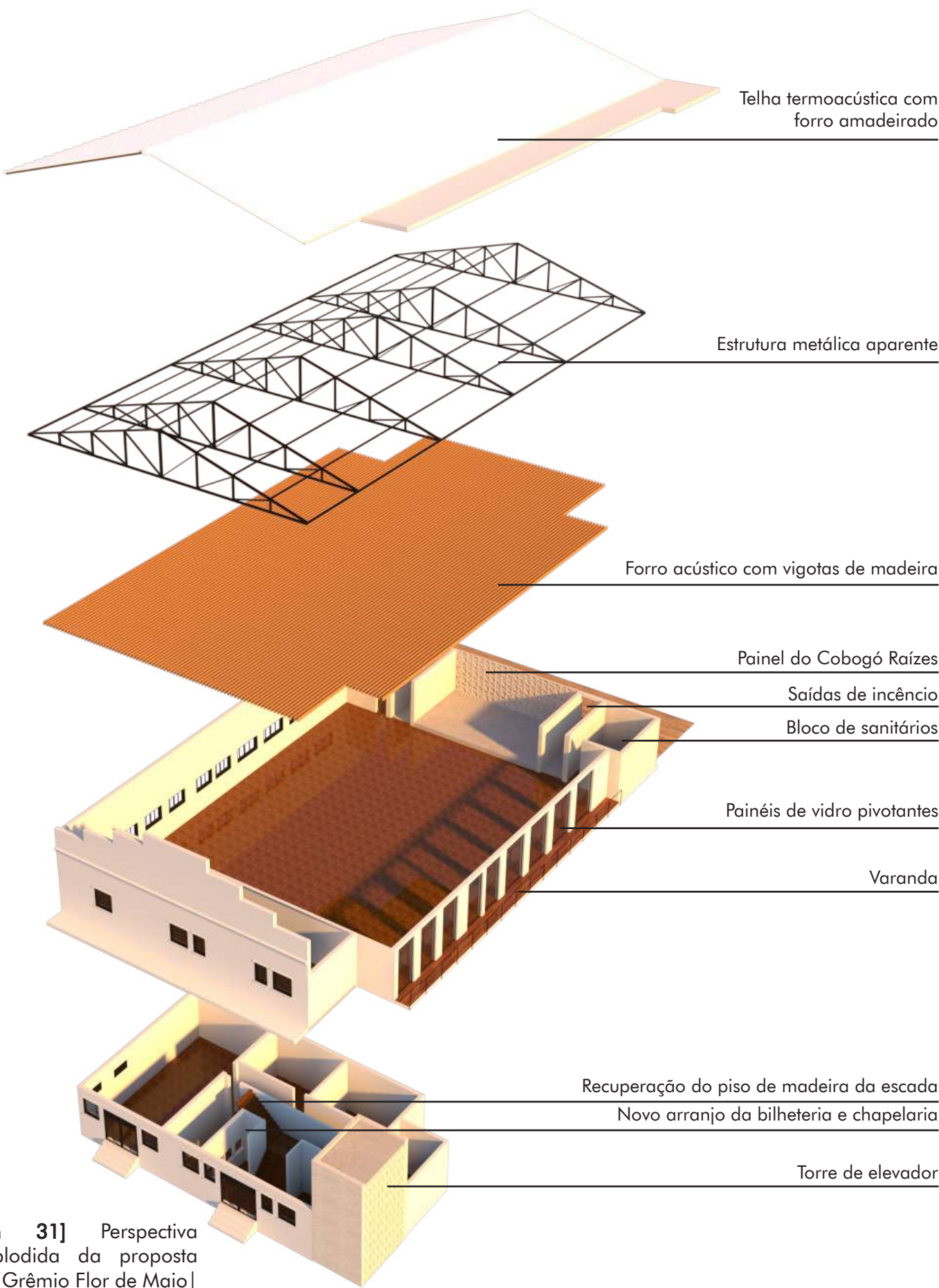
A materialidade escolhida busca se relacionar à materialidade original do Grêmio Flor de Maio, a medida que não se torna um simulacro da mesma. A decisão de recuperar elementos como o piso de madeira e a estrutura de concreto aparente, busca estabelecer um diálogo entre as edificações. Na imagem 28, vemos uma fotografia do interior do Grêmio na década de 1970. Esta fotografia foi utilizada como base na escolha da narrativa com a qual desejávamos dialogar.

A estas materialidades, foram adicionados alguns elementos que buscam marcar a identidade do conjunto e caracterizam a nova intervenção na quadra. Temos assim a presença das paredes e lajes em concreto aparente, a estrutura da cobertura metálica, caixilhos, guarda-corpos e escadas em materialidade metálica preta e por último, a presença do “Cobogó Raízes”, da designer Ana Paula Castro.



[Im 30] Cobogó Raízes - Ana Paula Castro | Fonte: Oficina de Ideias Ana Paula Castro

PROPOSTA PROJETUAL - GRÊMIO FLOR DE MAIO



[Im 31] Perspectiva Explodida da proposta do Grêmio Flor de Maio| Fonte: Produção Autoral

A proposta de intervenção na edificação do Grêmio Flor de Maio é pautada nas diretrizes estabelecidas pela Carta de Veneza (1964), a partir da abordagem do restauro crítico. Com isso, foram realizadas intervenções que buscam adaptar o prédio aos novos usos e necessidades, respeitando seu valor histórico.

De início, propomos a restauração do piso de madeira e sua recuperação nos espaços em que está encoberto, a exemplo da escadaria. Em seguida, a retirada do forro acústico de placas de fibra mineral e sua substituição por um forro acústico constituído por vigotas de madeira, que remete ao antigo forro, deste mesmo material, pertencente à construção original. Estas estão posicionadas paralelamente de forma espaçada, possibilitando a vista das treliças metálicas que compõem a cobertura do edifício. A esta estrutura metálica, propomos um acabamento em tinta preta, que será a mesma utilizada nas esquadrias e na cobertura metálica translúcida do centro cultural.

As telhas atuais, que acreditamos ser de fibrocimento, serão substituídas por telhas termoacústicas com forro amadeirado. Desta forma, o conjunto de cobertura e forro acústico, além de possibilitar as propriedades termoacústicas necessárias, formam uma composição que trás qualificação ao interior do edifício.

Na lateral, fizemos rasgos de chão a teto seguindo o ritmo das janelas da fachada, substituindo-as por painéis de vidro pivotantes que se abrem para a rua interna criada na quadra, reforçando a relação entre o clube e o conjunto. O espaço externo que antes servia de corredor de ventilação, torna-se uma varanda de contemplação e área externa durante realização de eventos no Grêmio.

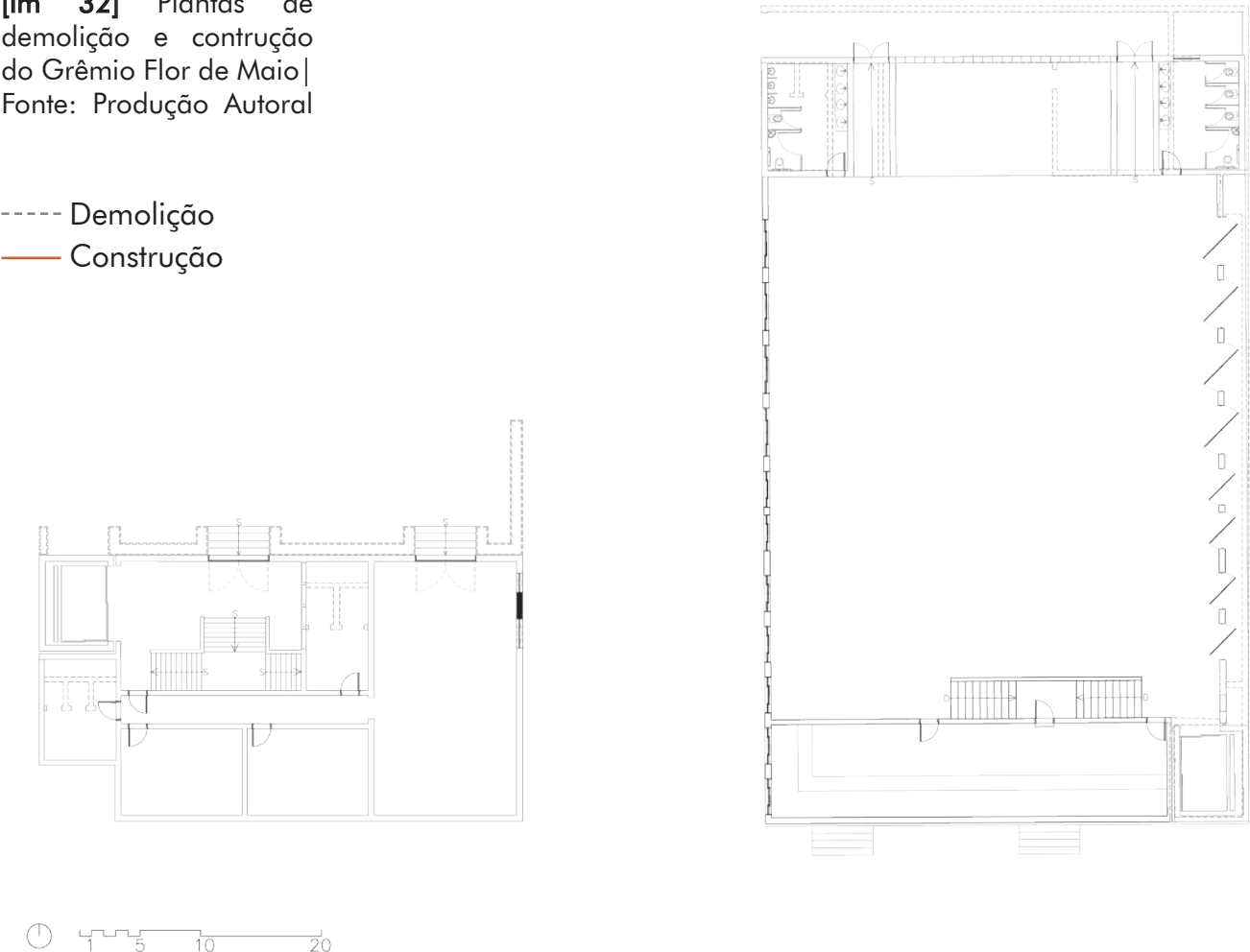
Nos fundos do salão, propomos uma reformulação da planta, criando um bloco onde localizam-se um palco mais extenso, sanitários e saídas de incêndio, onde as últimas se abrem para um deck posicionado nos fundos do clube, podendo servir também de área externa durante realização de eventos no local.

No pavimento térreo, a planta prevê uma nova configuração de bilheteria e chapelaria, possibilitando a alocação de uma torre de elevador que faz acesso para o pavimento do salão.

Todas as interferências são marcadas por meio da diferenciação da materialidade, que segue a mesma do conjunto do centro cultural, onde são utilizadas paredes de concreto, o cobogó raízes e o piso de cimento queimado.

[Im 32] Plantas de demolição e construção do Grêmio Flor de Maio| Fonte: Produção Autoral

----- Demolição
— Construção





- 1 Sala de reuniões do Grêmio Flor de Maio
- 2 Secretaria do Grêmio Flor de Maio
- 3 Diretoria do Grêmio Flor de Maio
- 4 Depósito
- 5 Bilheteria e Chapelaria do Grêmio Flor de Maio
- 6 Hall de entrada do Grêmio Flor de Maio
- 7 Torre de elevador do Flor de Maio
- 8 Sala administrativa
- 9 Copa dos funcionários
- 10 Apoio administrativo
- 11 Recepção
- 12 Espaço Expositivo
- 13 Sanitários

[Im 33] Planta do nível
1 do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral

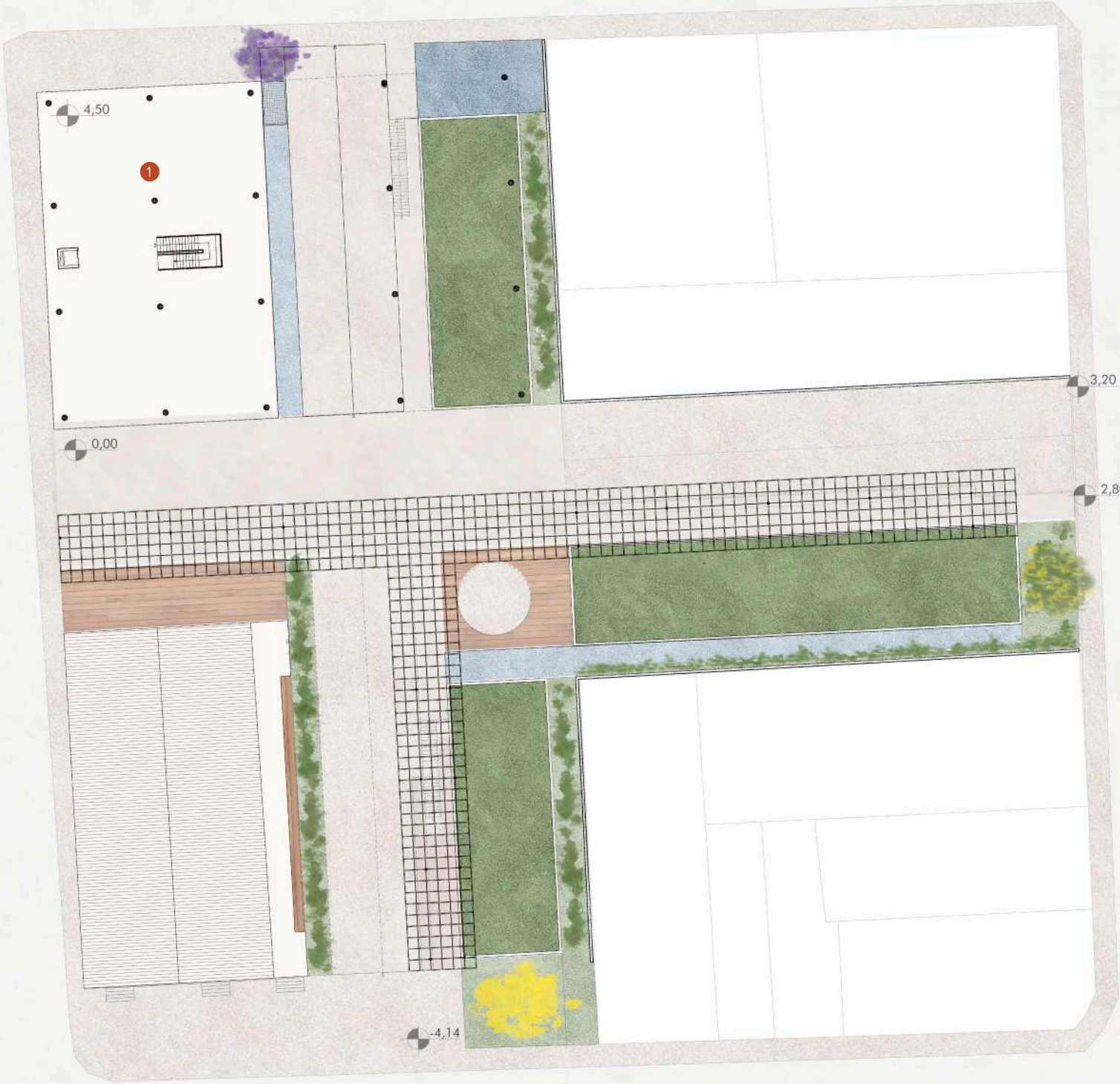




- 1 Sala de transmissão e controle de audiovisual
- 2 Depósito
- 3 Anfiteatro
- 4 Foyer
- 5 Sanitários
- 6 Sala de música em grupo
- 7 Estúdio de gravação
- 8 Sala de música individual
- 9 Sala de música individual
- 10 Ateliê
- 11 Cozinha de apoio da cafeteria
- 12 Cafeteria
- 13 Sanitário do Flor de Maio
- 14 Palco
- 15 Sanitário do Flor de Maio
- 16 Salão do Flor de Maio
- 17 Sacada do Flor de Maio
- 18 Bar do Flor de Maio
- 19 Torre de elevador do Flor de Maio
- 20 Palco a céu aberto
- 21 Sala de reuniões
- 22 Área de Apoio Jurídico
- 23 Área de Apoio Social
- 24 Sanitários
- 25 Sala de dança
- 26 Sala de dança
- 27 Sala de dança
- 28 Vestiários
- 29 Depósito / Depósito de limpeza
- 30 Área de limpeza

[Im 34] Planta do nível
2 do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral





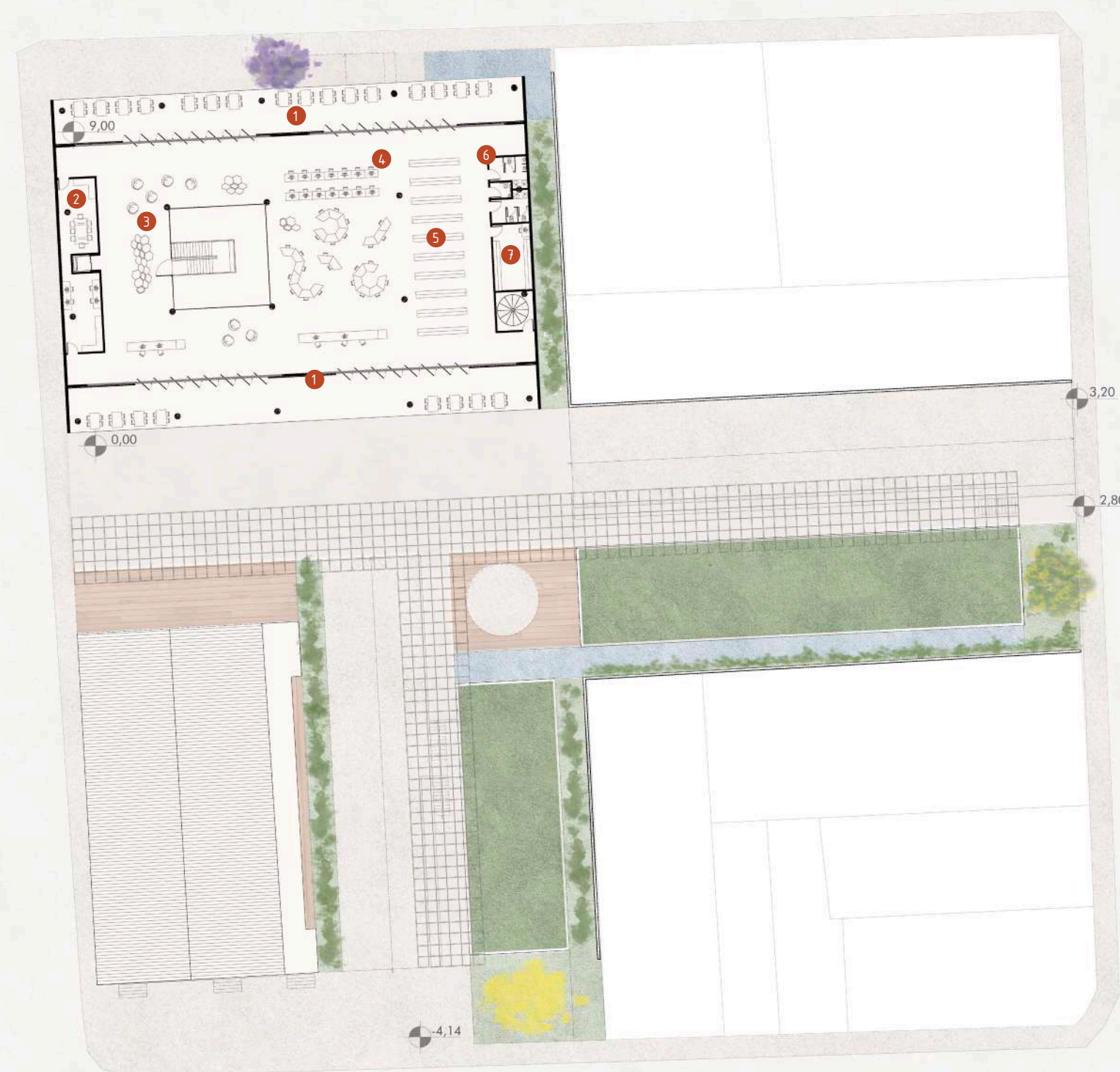
[Im 35] Planta do nível
3 do Centro Cultural
Flor de Maio| Fonte:
Produção Autoral



1 Praça coberta

PLANTA NÍVEL 4

ESCALA 1:500



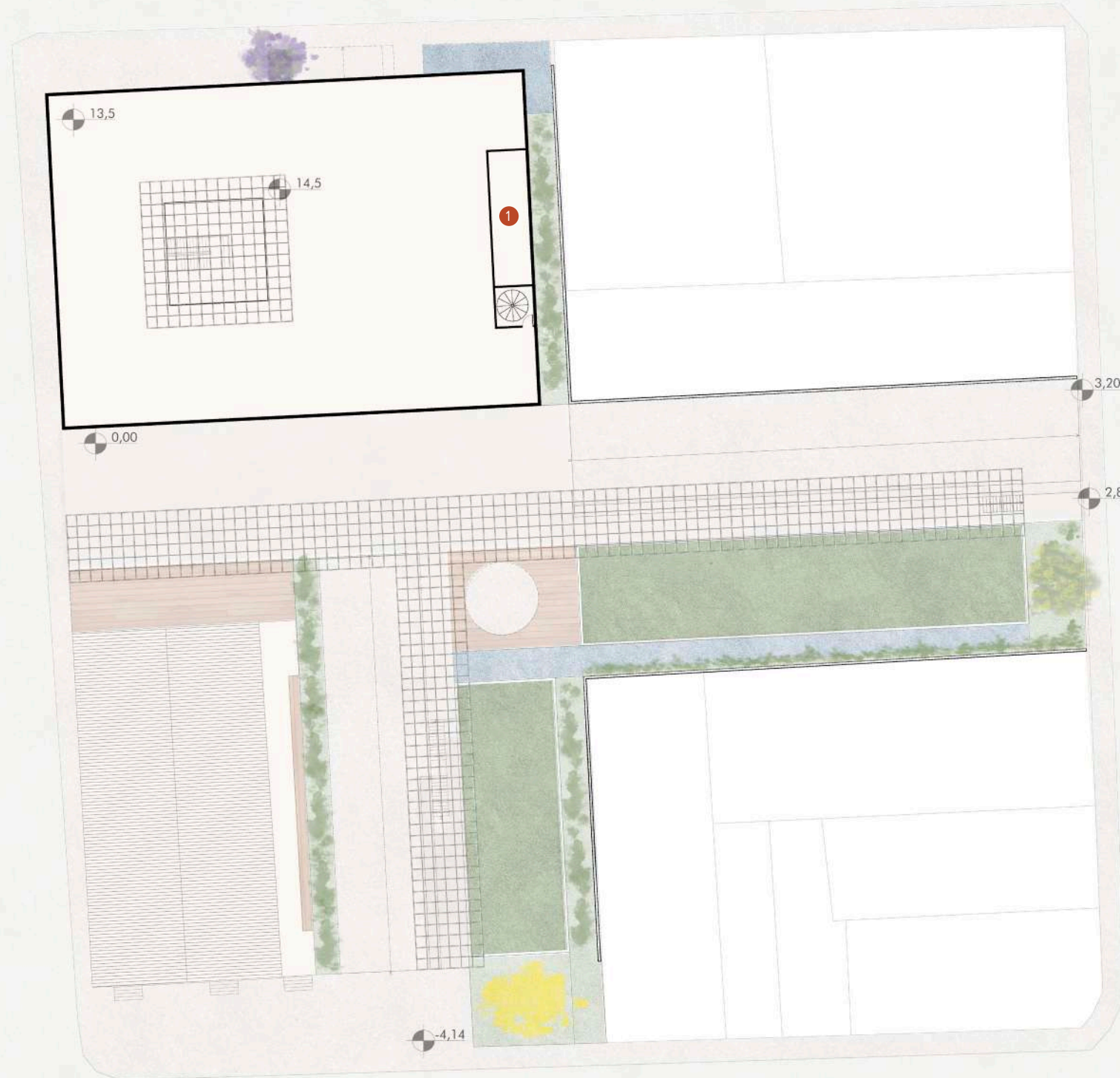
[Im 36] Planta do nível
4 do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral



- 1 Varandas de estudo e contemplação
- 2 Sala de pesquisa
- 3 Recepção
- 4 Espaço de formação e consulta digital
- 5 Acervo bibliográfico
- 6 Sanitários
- 7 Sala de catalogação

PLANTA NÍVEL 5

ESCALA 1:500



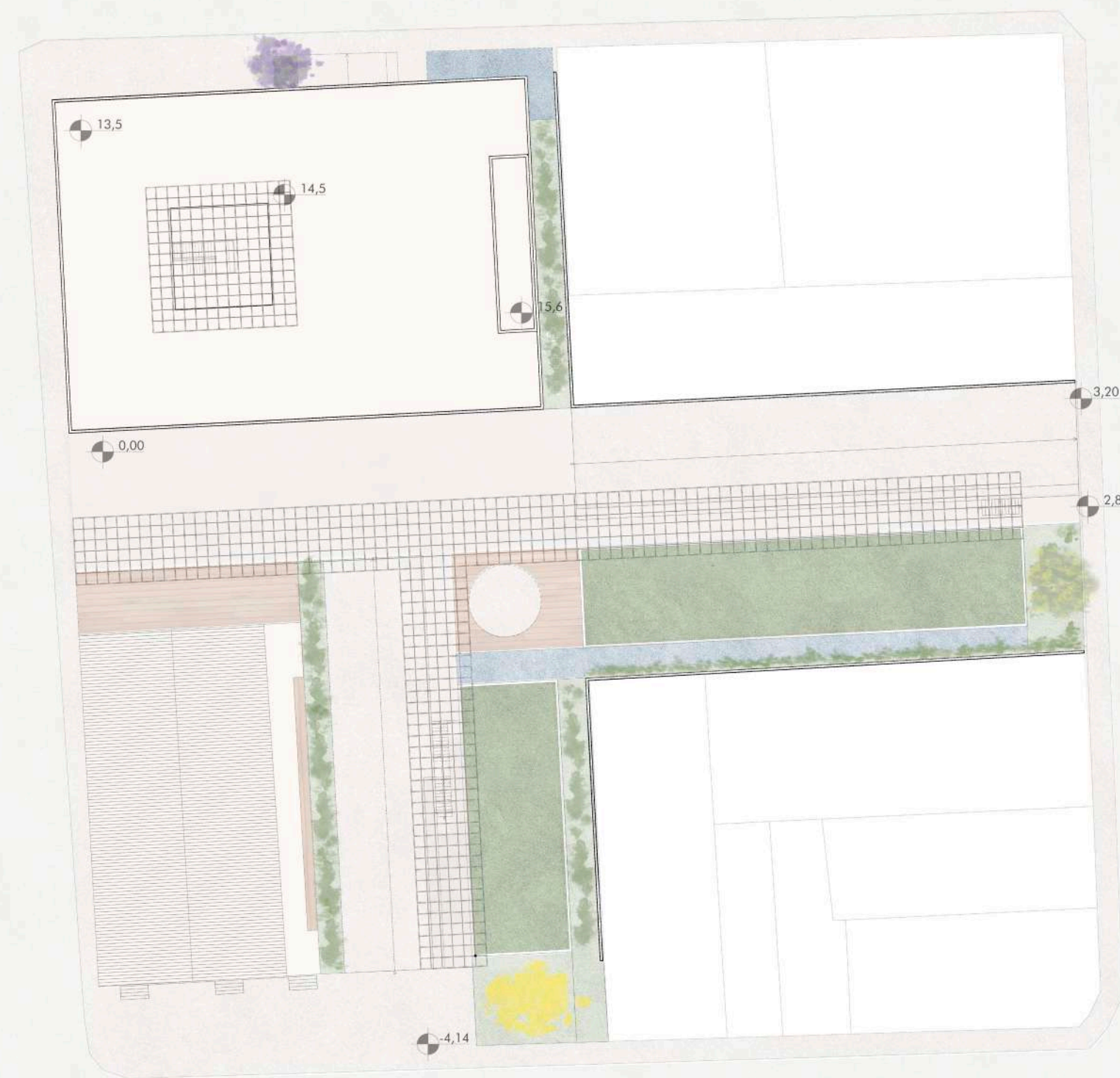
[Im 37] Planta do nível
5 do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral



1 Reservatório de água

PLANTA NÍVEL 6

ESCALA 1:500

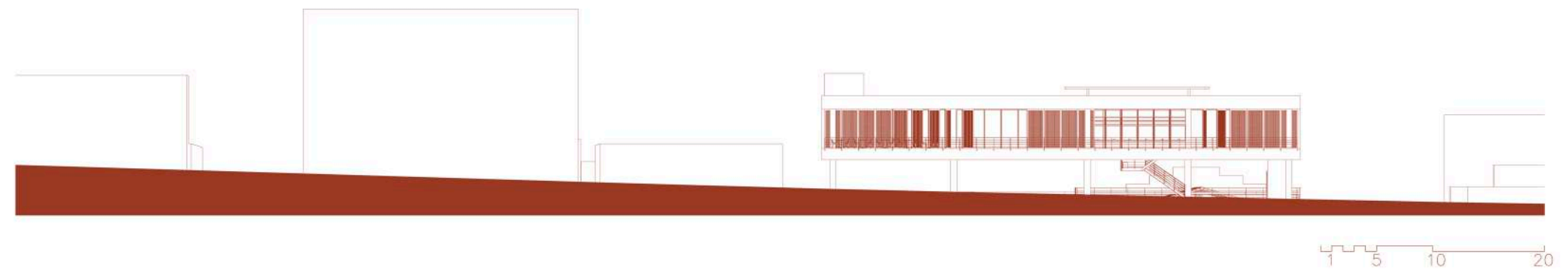


[Im 38] Planta do nível
6 do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral



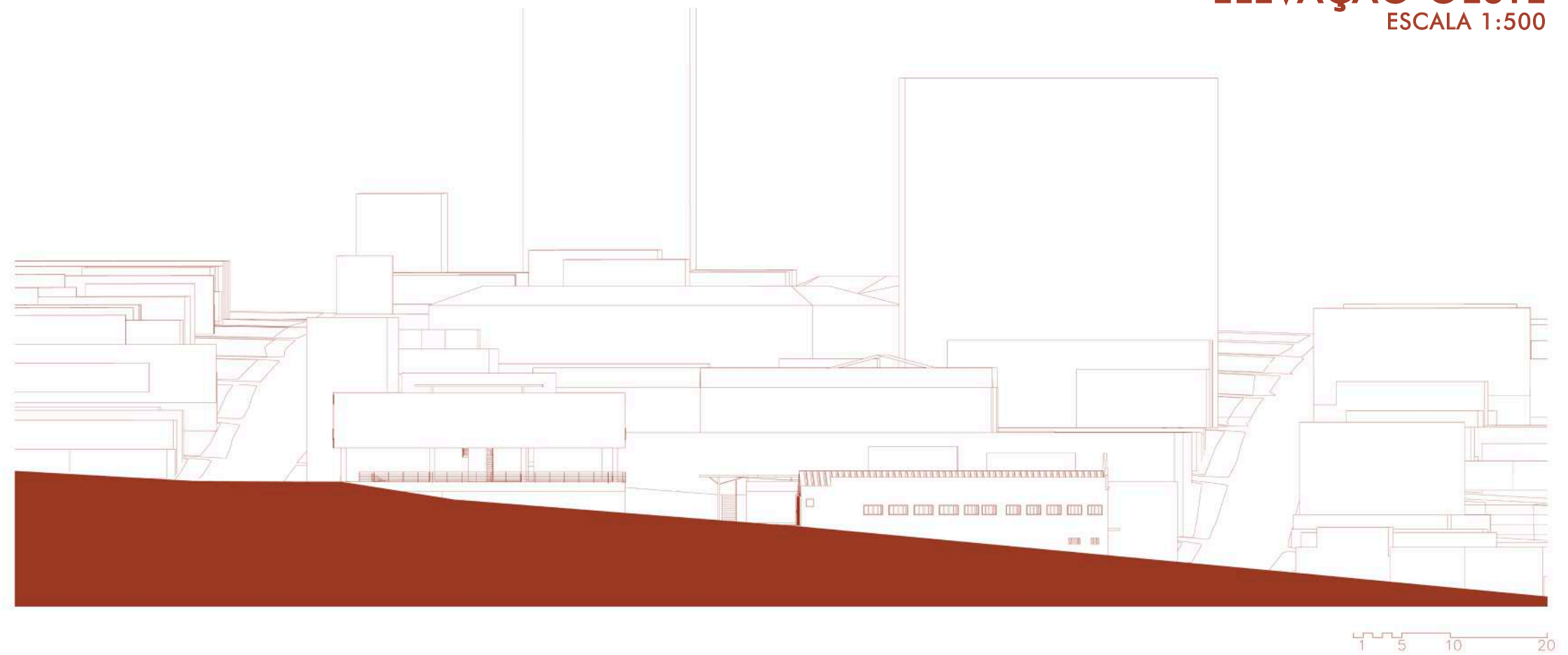
ELEVAÇÃO NORTE

ESCALA 1:500



ELEVAÇÃO OESTE

ESCALA 1:500

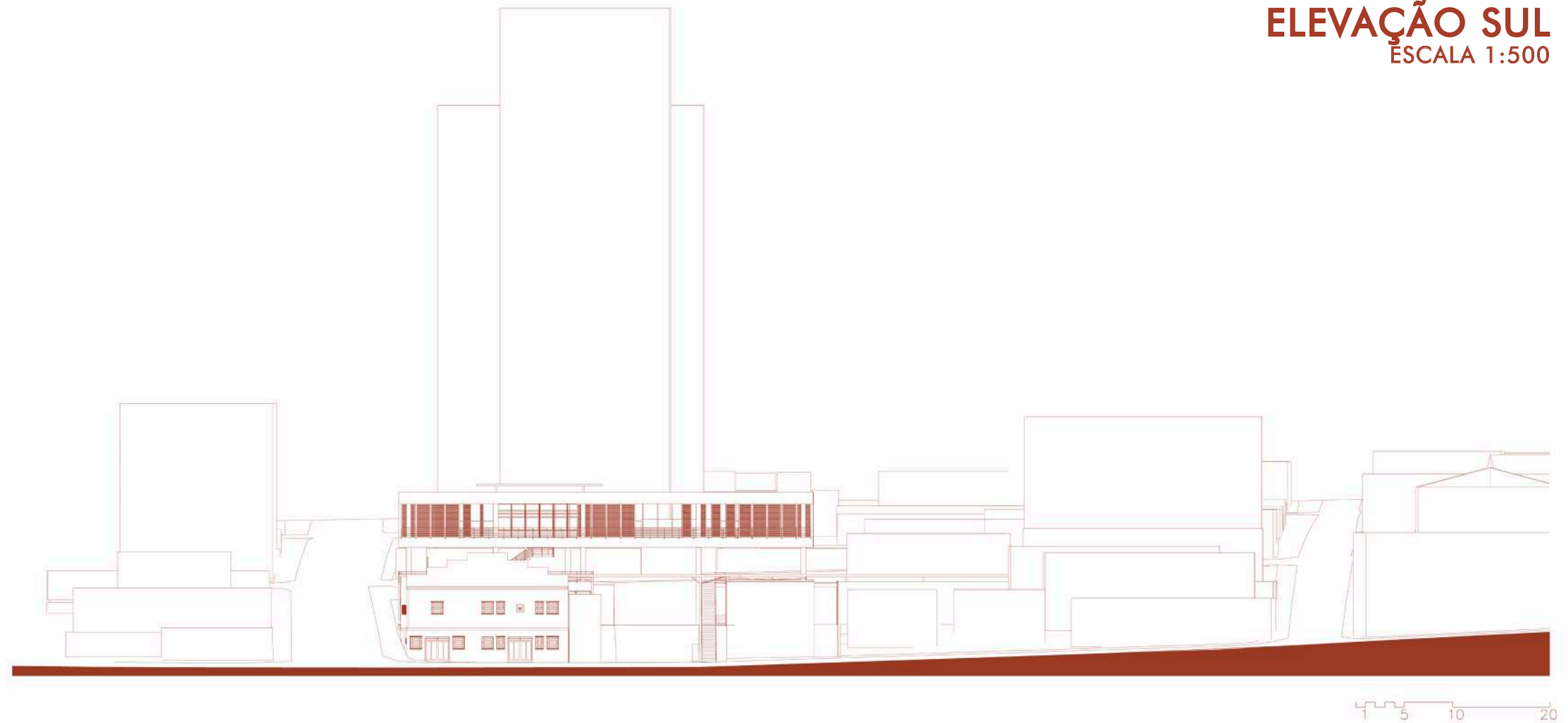


[Im 39] Elevação Norte
do Centro Cultural
Flor de Maio| Fonte:
Produção Autoral

[Im 40] Elevação Oeste
do Centro Cultural
Flor de Maio| Fonte:
Produção Autoral

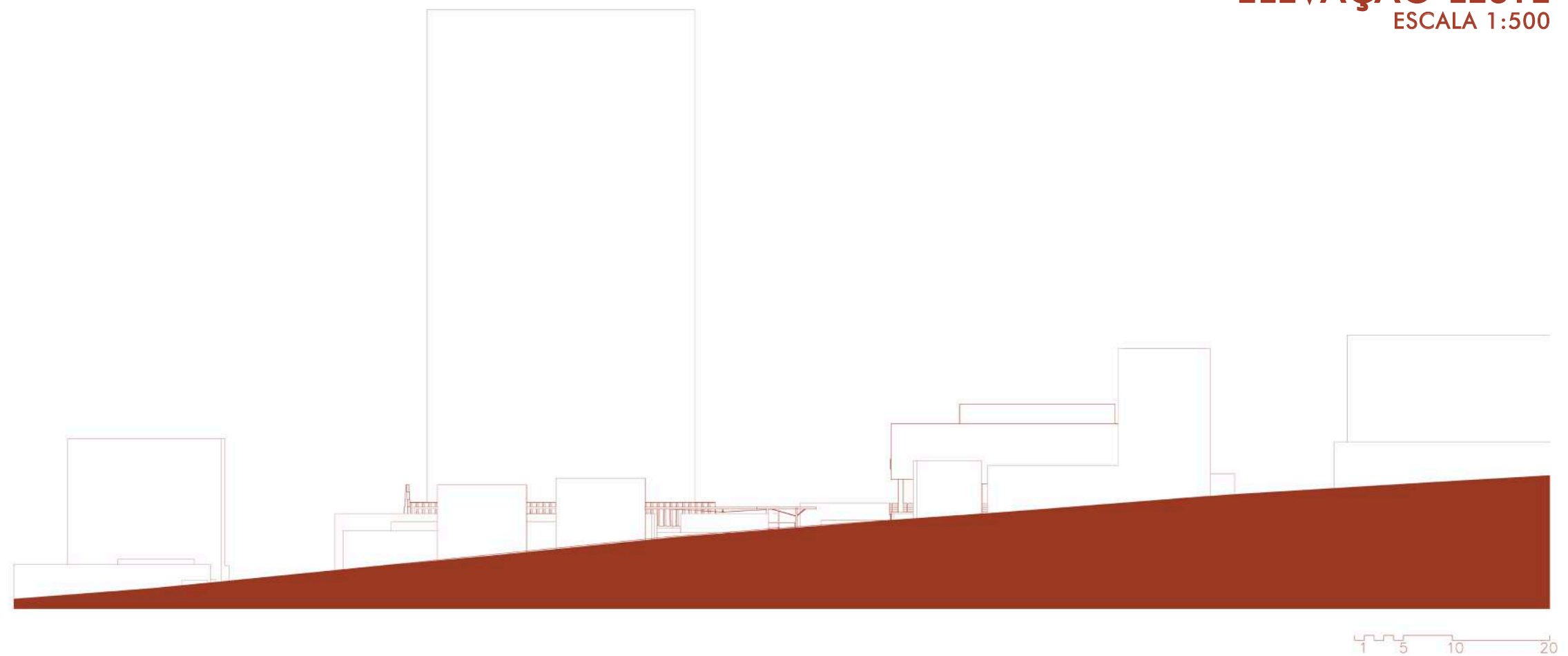
ELEVAÇÃO SUL

ESCALA 1:500



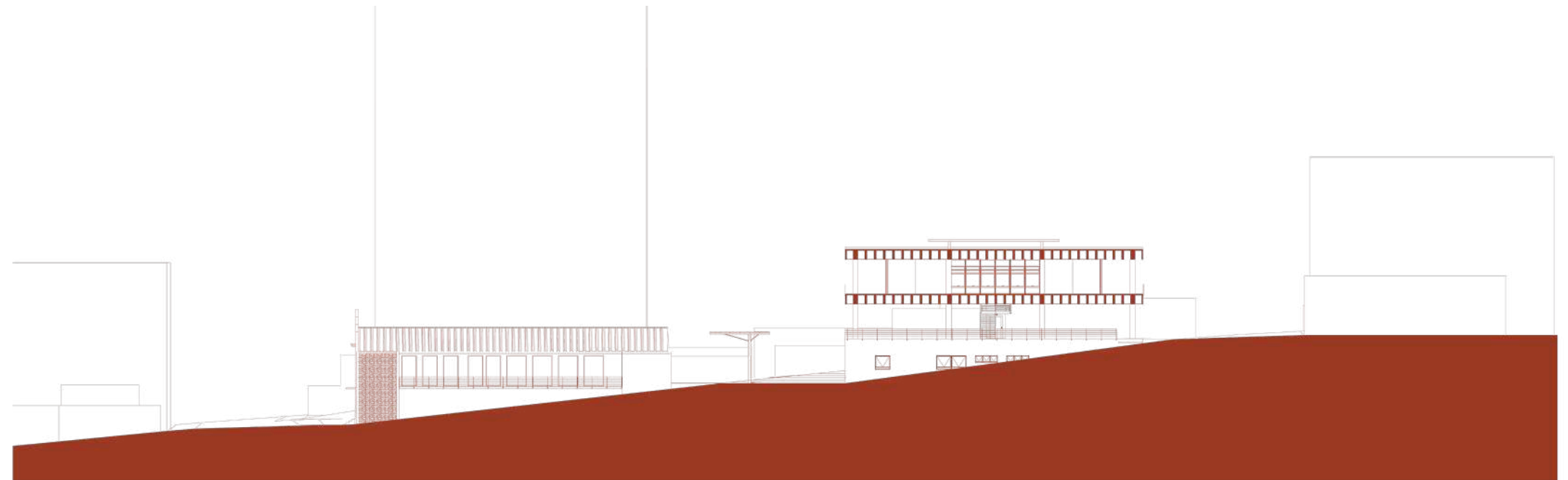
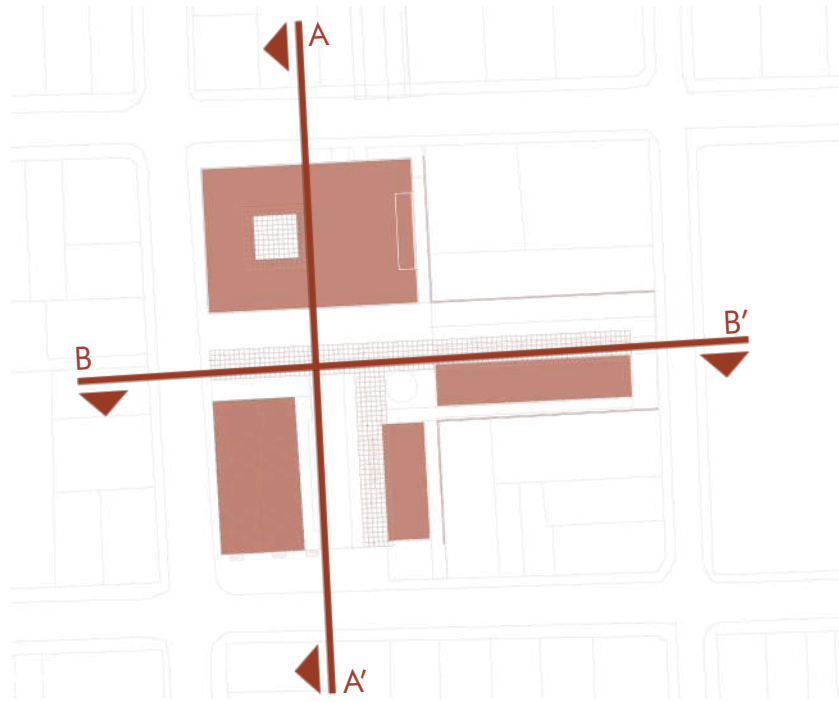
ELEVAÇÃO LESTE

ESCALA 1:500



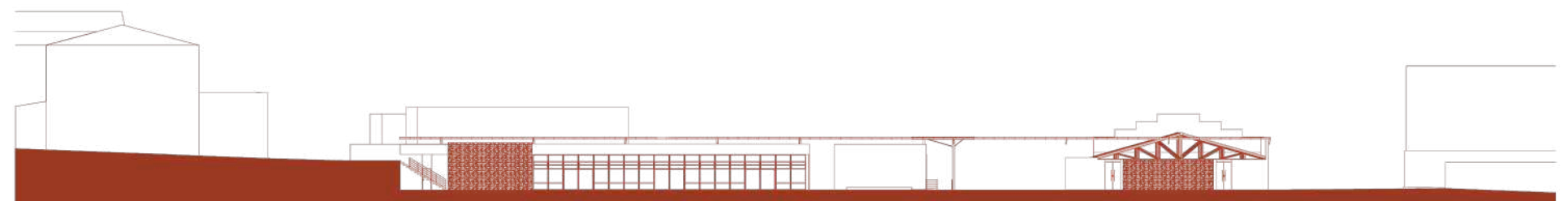
[Im 41] Elevação Sul
do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral

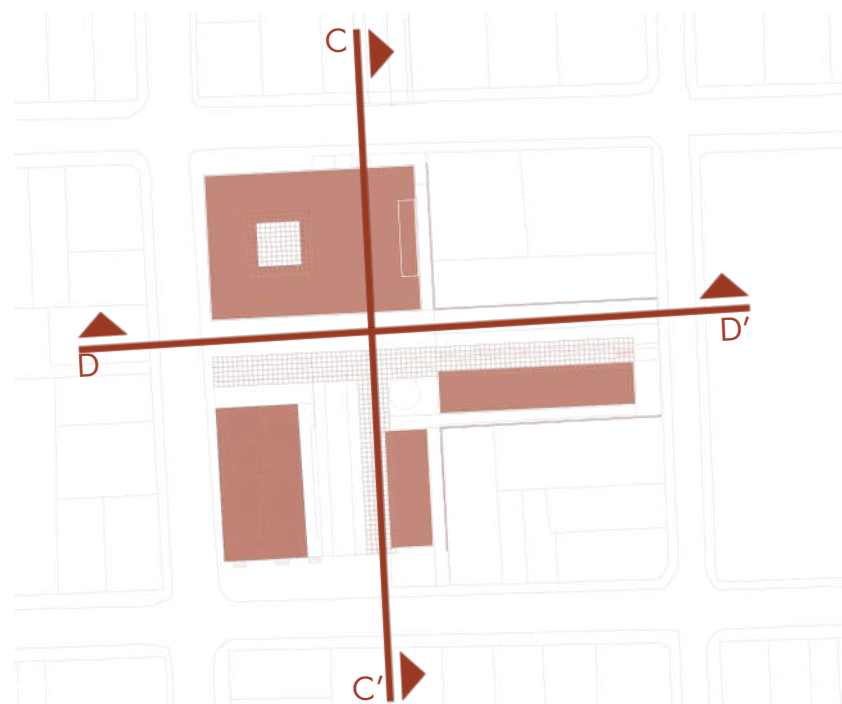
[Im 42] Elevação Leste
do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral



[Im 43] Corte AA'
do Centro Cultural
Flor de Maio| Fonte:
Produção Autoral

[Im 44] Corte BB'
do Centro Cultural
Flor de Maio| Fonte:
Produção Autoral



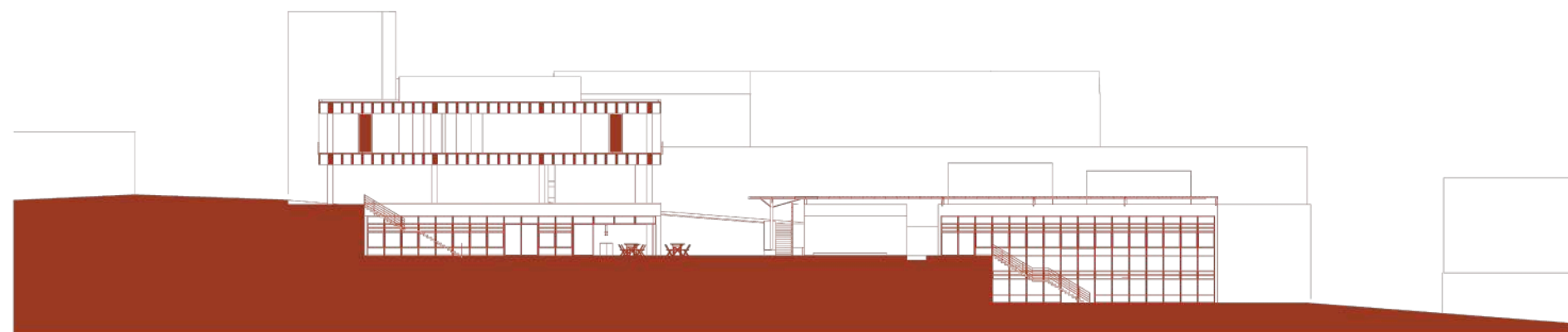


[Im 45] Corte CC'
do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral

[Im 46] Corte DD'
do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral

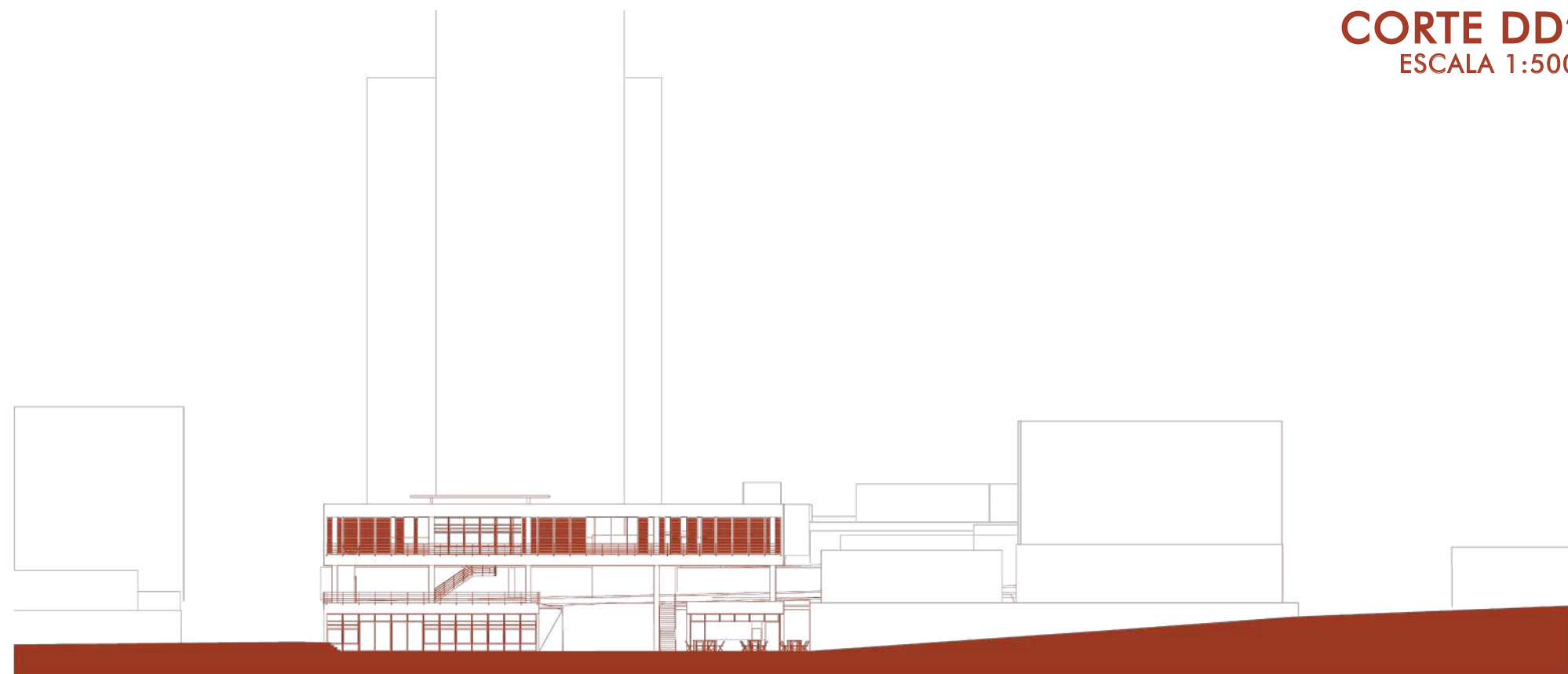
CORTE CC'

ESCALA 1:500

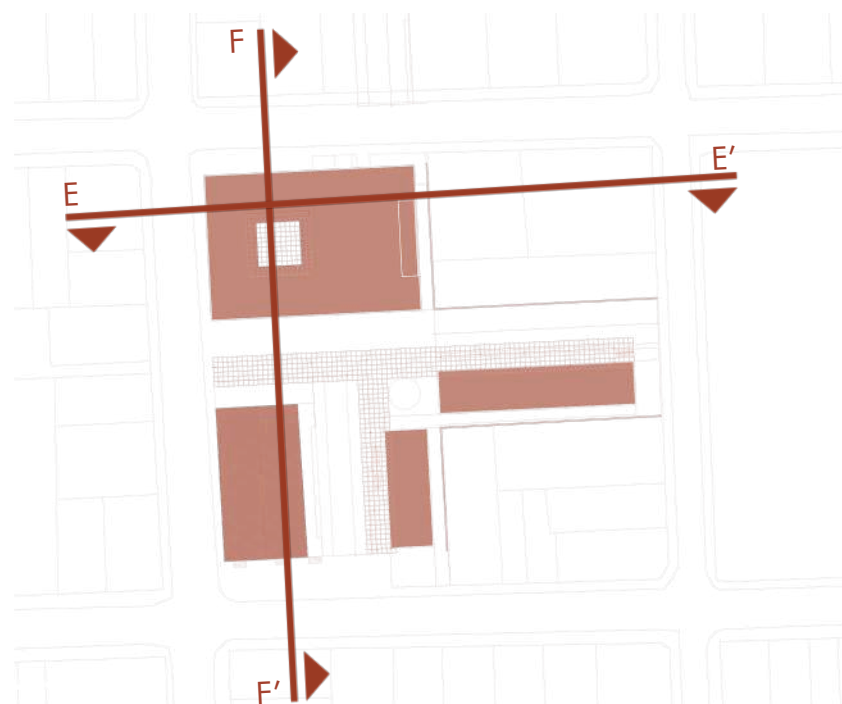


CORTE DD'

ESCALA 1:500



1 5 10 20

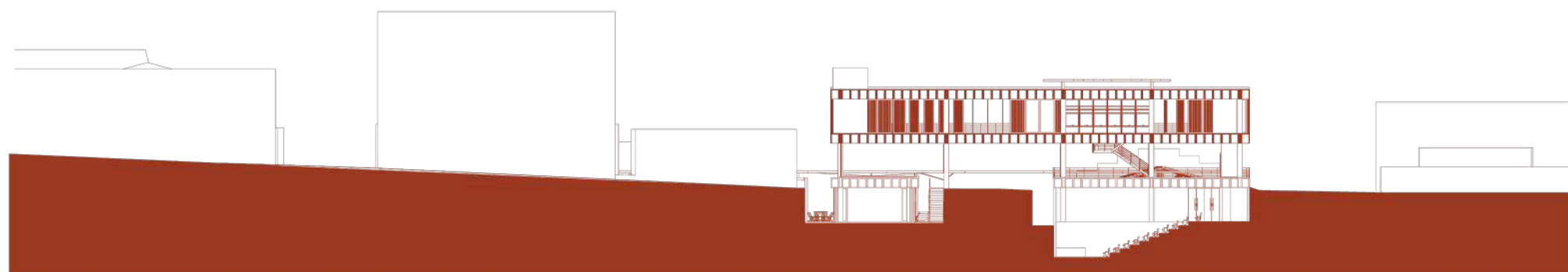


[Im 47] Corte EE'
do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral

[Im 48] Corte FF'
do Centro Cultural
Flor de Maio | Fonte:
Produção Autoral

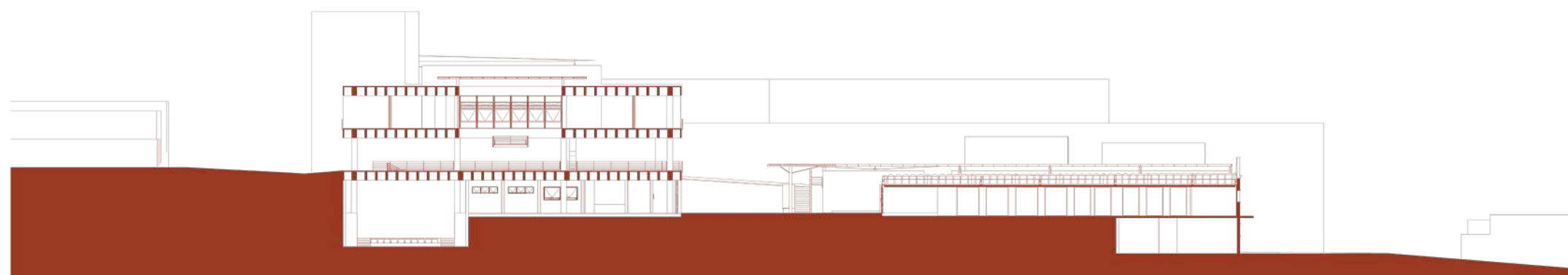
CORTE EE'

ESCALA 1:500

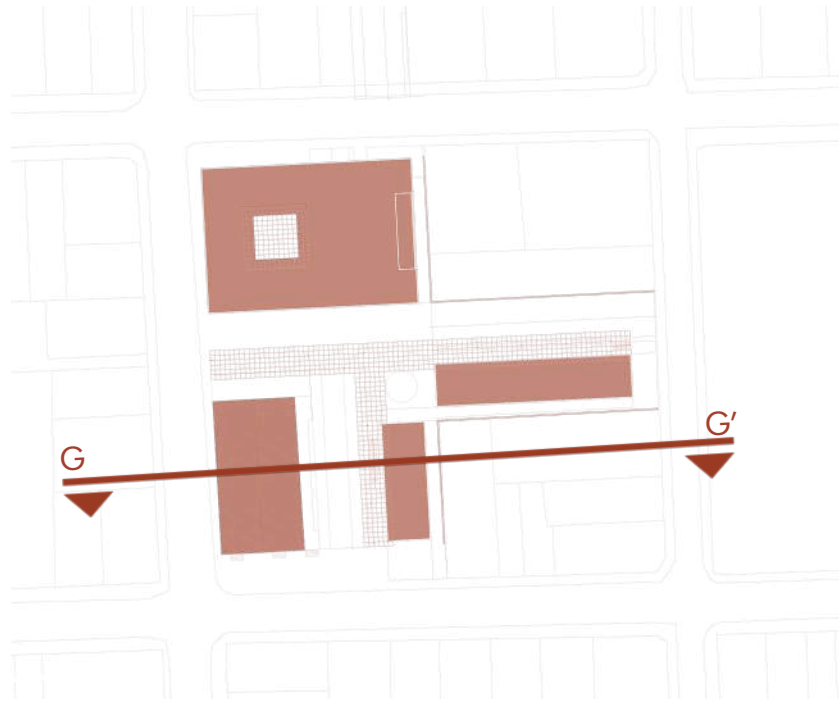


CORTE FF'

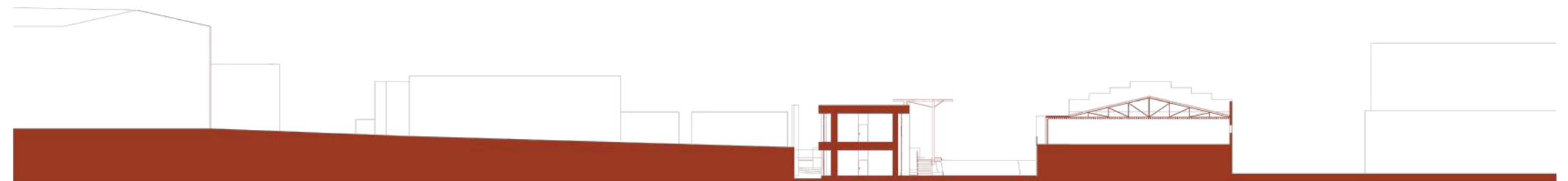
ESCALA 1:500



1 5 10 20



CORTE GG'
ESCALA 1:500



1 5 10 20

PROPOSTA PROJETOAL - PAINÉIS DE MAXWELL ALEXANDRE

Um dos objetivos desta proposta é a criação de espaços onde a cultura negra pudesse pulsar e vindo de encontro a isto, uma das intervenções realizadas no espaço é a produção de painéis que transmitissem este propósito. Para tal, selecionamos algumas obras que compõem a mostra “Pardo é papel” do artista plástico Maxwell Alexandre, sua primeira mostra individual no Brasil. O trabalho já recebeu mais de 60 mil visitantes, tendo passado por instituições nacionais e internacionais, como o Museu de Arte Contemporânea de Lyon e o Museu de Arte do Rio, onde foram produzidas peças exclusivas para a mostra.

Maxwell Alexandre, de 29 anos, uma das vozes mais ativas pela igualdade racial na cena artística nacional, retrata em sua obra uma poética urbana que passa pela construção de narrativas e cenas estruturadas a partir de sua vivência cotidiana pela cidade e na Rocinha, onde nasceu, trabalha e reside.

A série “Pardo é Papel” teve início no ateliê do artista carioca em 2017, quando começou a experimentar com o papel pardo. Nesse processo, além da estética potente, Maxwell percebeu o ato político e conceitual que estava articulando ao pintar corpos negros sobre a superfície, uma vez que a “cor” parda foi usada durante muito tempo para velar a negritude.

(PARDO É PAPEL, 2019)

Dessa forma, trazemos as obras “Sem Título I, II e III” que fazem parte da série “Novo Poder”, produzidas exclusivamente para a exposição no Museu de Arte do Rio e também a obra “Éramos cinza e agora somos fogo” da série Pardo é Papel. Estas compõem o espaço de maior pulsação da cultura urbana do conjunto, as ruas internas e o palco externo, trazendo caráter de urbanidade para a composição.

[Im 50] Sem Título I, da série Novo Poder, Pardo é Papel| Fonte: Autoria de Maxwell Alexandre, mostra Pardo é Papel

[Im 51] Sem Título II, da série Novo Poder, Pardo é Papel| Fonte: Autoria de Maxwell Alexandre, mostra Pardo é Papel

[Im 52] Sem Título III, da série Novo Poder, Pardo é Papel| Fonte: Autoria de Maxwell Alexandre, mostra Pardo é Papel

[Im 53] Éramos cinza e agora somos fogo, da série Pardo é Papel| Fonte: Autoria de Maxwell Alexandre, mostra Pardo é Papel





[Im 54] Perspectiva da
Fachada Sul do Centro
Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



[Im 55] Perspectiva da
Fachada Norte do Centro
Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



[Im 56] Perspectiva da
Fachada Leste do Centro
Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



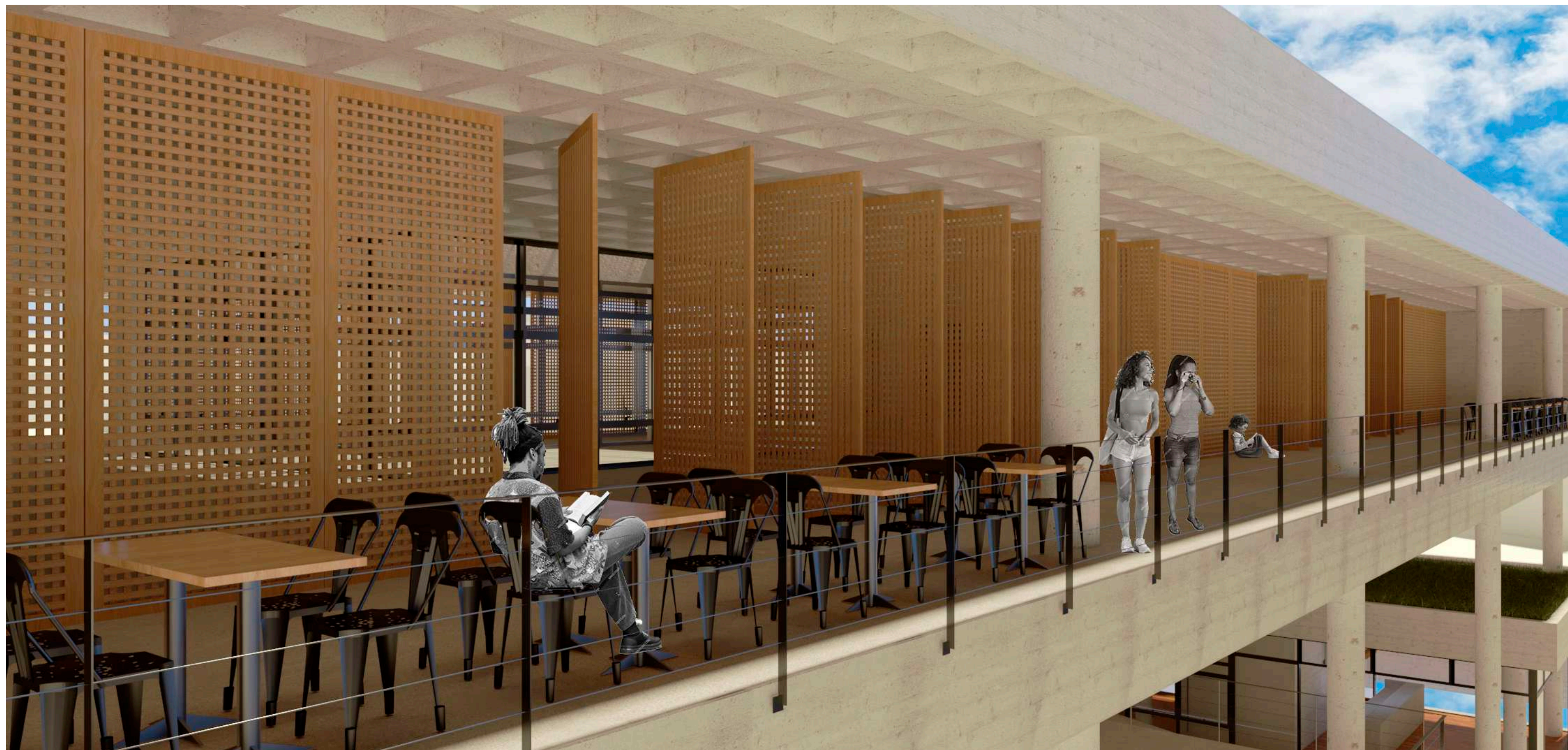
[Im 57] Perspectiva da
fachada oeste do Centro
Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



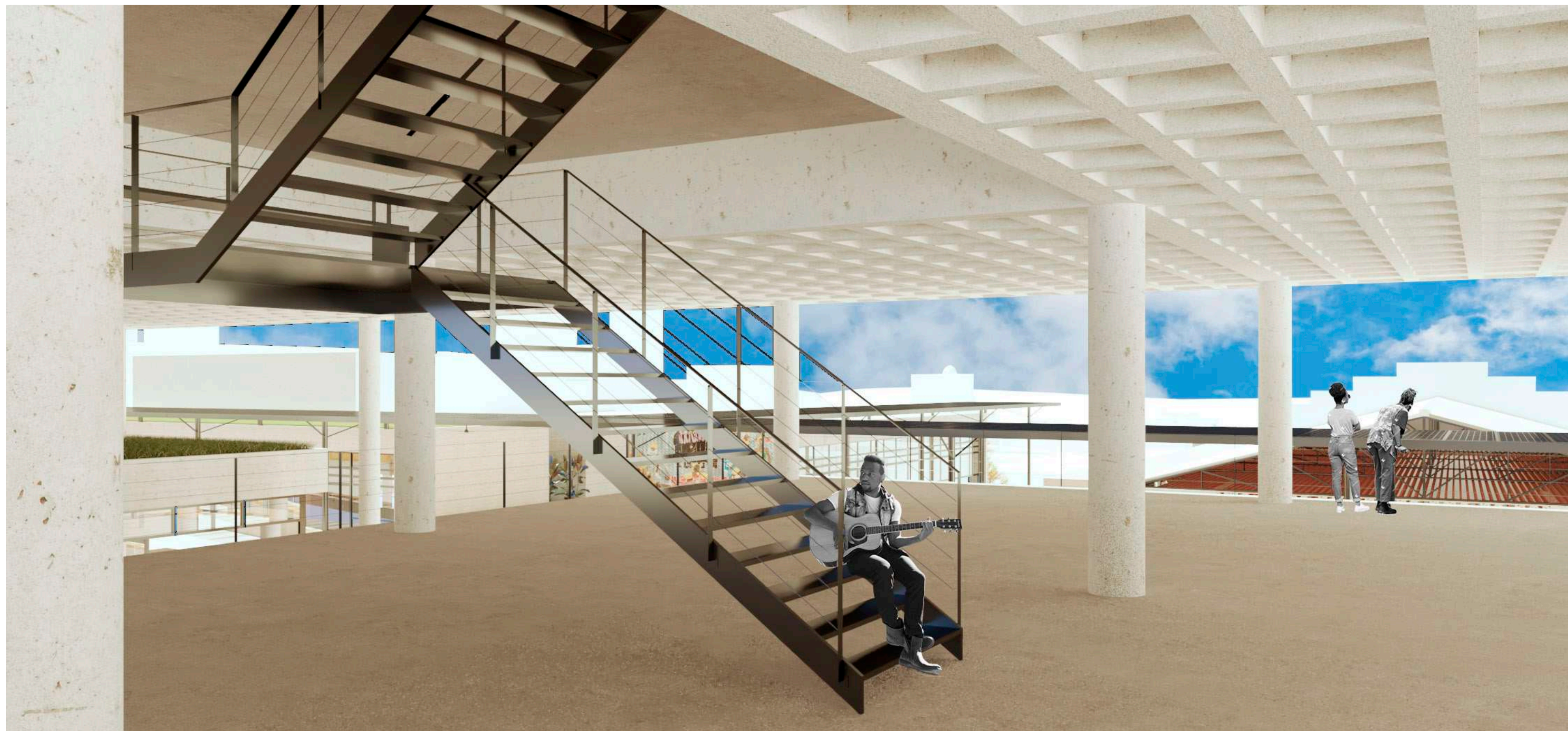
[Im 58] Perspectiva do palco externo do Centro Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



[Im 59] Perspectiva do palco externo do Centro Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



[Im 60] Perspectiva da varanda de estudos e contemplação da biblioteca do Centro Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



[Im 61] Perspectiva da varanda da escada de acesso para a biblioteca do Centro Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



[Im 62] Perspectiva interna
das salas de dança
integradas do Centro
Cultural Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



[Im 63] Perspectiva interna do salão do Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio
Fonte: Produção Autoral



PROPOSTA PROJETUAL - MAQUETE FÍSICA



[Im 65] Maquete física do Centro Cultural Flor de Maio. Fonte: Produção Autoral

[Im 65] Maquete física do Centro Cultural Flor de Maio com as coberturas. Fonte: Produção Autoral

[Im 66] Maquete física do Centro Cultural Flor de Maio sem as coberturas. Fonte: Produção Autoral

AGUIAR, Márcio Mucedula. As organizações negras em São Carlos: política e identidade cultural. 1998. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

ARANTES, Antônio. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 12, n. 1, p. 11-18, 2004.

BENINCASA, V. Velhas fazendas: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. 1998. São Carlos: EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BENINCASA, V.; NOCITI, F.; QUINZLER, D. A Casa Fala: restauro na Fazenda Pinhal (São Carlos-SP, Brasil). In: CABREDO, L. M. V. (dir. Congr.). Congreso Latinoamericano sobre Patología de la Construcción, Tecnología de la Rehabilitación y Gestión del Patrimonio. Santander: REHABEND, 2016. ISBN 978-84-608-7941-1, pp 1980-1987.

BORTOLUCCI, M. A. Moradias Urbanas Construídas em São Carlos no Período Cafeeiro. São Paulo: FAU-USP. Tese de Doutorado, 1991.

BRANDI, C. B. Teoria da restauração. Tradução: Beatriz Mugayar Kühl. Ateliê Editorial. Cotia, 2004.

BURKE, P. Hibridismo Cultural. Tradução: Leila Souza Mendes. Editora Unisinos. Cotia, 2003.

CECP, Centro de Estudos Casa do Pinhal. Livro do armazém : transcrição de um livro contábil com operações comerciais de Antonio Carlos de Arruda Botelho - Piracicaba e Araraquara (1850-1854), São Carlos, SP : EdUFSCar, 2017.

CURY, Isabelle (Org). Cartas Patrimoniais. 2a Ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DE SOUSA, Karina Almeida. RAINHAS DO CLUBE E MUSAS DO SAMBA-ROCK: RAÇA E GÊNERO NA SOCIABILIDADE NEGRA.

DO CARMO, Fernanda Heloísa; VICHNEWSKI, Henrique; PASSADOR, João; TERRA, Leonardo. Cesare Brandi. Uma releitura da teoria do restauro crítico sob a ótica da fenomenologia. Arqitextos, São Paulo, ano 16, n. 189.01, Vitruvius, fev. 2016 Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqitextos/16.189/5946>>. Acesso em: 25 nov. 2020

FARAH, A. P. A autonomia do campo disciplinar do restauro [arquitetônico e urbano]. Resgate: Revista Oculum Ensaios, v. 14, n. 2, p. 389-402, 2017.

GORDINHO, M. C. A Casa do Pinhal. São Paulo: Editora C. H. Knapp S/C Ltda, 1985

KÜHL, B. M. Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação. São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da Cultura, 1998.

LONDRES, Maria Cecília. Referências Culturais: Base para novas políticas do patrimônio. In: Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de Aplicação. Brasília: IPHAN, 2000.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os Usos Culturais da Cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas culturais e políticas culturais. In: YAZIGI, E; CARLOS, A. F. A. 1996

MENESES, U. T. B. Valor cultural, valor econômico: encontros e desencontros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ENERGIA DE SÃO PAULO, 2., 1999, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 1999. p. 29-48.

NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara AunKhoury. Projeto História. São Paulo: PUC, 1981

LEOPACI, J. A. Análise teórica da solução arquitetônica pós-incêndio na Biblioteca do Caraça/MG. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Técnico em Conservação e Restauro) - Instituto Federal de Minas Gerais. Ouro Preto. 2018.

OLIVEIRA, J. D. Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910) São Carlos, FPMSC, 2018

OS PRIMEIROS tempos e a formação da cidade de São Carlos: final do século XVIII e século XIX. São Carlos: FPMSC, 2006. Disponível em: [https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/historias-sc/historico-saocarlos-\(XVIII-XIX\).pdf](https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/historias-sc/historico-saocarlos-(XVIII-XIX).pdf). Acesso em: 02 jun. 2021.

RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Central de Estatística. São Paulo: Leroy Link Boowalter, Typographia King, 1888. p. 24.

SOMEKH, Nádia. Preservando o patrimônio histórico: um manual para gestores municipais. São Paulo: CAU/SP.[recurso eletrônico]. Disponível em: <http://www.arq-urb.com/noticias/2017/07/26/causp-preservando-o-patrimonio-historico-um-manual-paragestores-municipais/>. Acesso em, v. 8, 2014.1

TOLEDO, R. A. O ciclo do café e o processo de urbanização do estado de São Paulo. In: Anais do V Congresso Internacional de História. 2011.